

PERSPECTIVAS



Dr. José Manuel Teixeira
ortopedista

Ortopedia, o caminho da subespecialização

Saúde

José Manuel Teixeira	3
Paincare	6
Ordem dos Médicos	7
Sociedade Portuguesa de Doenças Metabólicas	8
Sociedade Portuguesa de Anestesiologia	10
Associação de Enfermagem em Cuidados Continuados e Paliativos	12
Portugal Advanced Health	14
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa	16
Gastroclinic	18
Clínica Miguel Calhau	20
Dr. Cris Piessens	22

Ensino

Agrupamento de Escolas Morgado Mateus	24
Colégio CCG	26
Colégio Académico	28
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa ...	30
Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro ...	32
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra	34
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra	36
Sociedade Portuguesa de Electroquímica	37
GeoBioTec – Universidade de Aveiro	38

Ortopedia, o caminho da subespecialização

JOSÉ MANUEL TEIXEIRA É UM DOS NOMES MAIS REPUTADOS DA ORTOPEDIA EM PORTUGAL. PAUTANDO O SEU PERCURSO POR UM CONSISTENTE CAMINHO DE SUBESPECIALIZAÇÃO NA ORTOPEDIA DAS EXTREMIDADES (MÃOS E PÉS), TEM VINDO AO LONGO DA SUA CARREIRA A ABRAÇAR A PRÁTICA CLÍNICA EM PROJETOS DE DIMENSÃO NACIONAL, ASSIM COMO A DIREÇÃO PEDAGÓGICA DE FORMAÇÕES EM ORTOPEDIA E, PARALELAMENTE, UM PAPEL ATIVO EM SOCIEDADES CIENTÍFICAS E OUTROS ORGANISMOS QUE TRATAM AS QUESTÕES INERENTES À ESPECIALIDADE.

Licenciado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, já na cidade do Porto, onde nasceu, concluiu o Internato Complementar de Ortopedia e Traumatologia no Serviço de Ortopedia e Traumatologia no Hospital de São João.

O seu percurso conduziu-o à subespecialização em Ortopedia das extremidades, com especial foco de interesse no diagnóstico e tratamento das patologias da mão – área que, assume, o cativou desde o internato complementar. Frequentou cursos em Portugal e no estrangeiro, dos quais destaca: fellowship na Unidade de Cirurgia da Mão no Hospital Pellegrin Bordeaux (França, 1996); curso de artoplastia da mão, na Mayo Clinic (Rochester Minnesota, 2003); curso avançado de cirurgia percutânea do pé no Hospital Pellegrin Bordeaux (França, 2004). Paralelamente, percebendo a importância da gestão na área da saúde, realizou uma pós-graduação em gestão hospitalar no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa, 2004).

Ainda nos finais da década de 90 foi convidado para o projeto piloto da primeira Entidade Pública Empresarial na área da saúde, sendo membro fundador do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do Hospital de São Sebastião (EPE), em Santa Maria da Feira, juntamente com um grupo de ilustres jovens médicos ortopedistas que avançaram com ideias inovadoras no campo da subespecialização. Aí ajudou a organizar o Serviço e foi responsável pela Unidade Diferenciada da Patologia da Mão até 2015.

Compreendendo o relevo das associações científicas no saber médico e no modo de estar na medicina, é membro da Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia, membro fundador da Secção para o Estudo da Patologia do Punho e da Mão da mesma Sociedade, da qual foi coordenador; membro da Sociedade Portuguesa da Cirurgia da Mão, da qual foi presidente no triénio 2012-2015.

Na área da Gestão e Qualidade em Saúde, foi coordenador do Programa de Qualidade para a Artoplastia em Ortopedia da Direção Geral de Saúde.

No campo da formação, assume a coordenação para Portugal dos cursos avançados de Punho e Mão AO Foundation, desde 2009, sendo igualmente coordenador pedagógico de cursos avançados de ortopedia da Sky Medical–Stryker.

Atualmente, dedica-se ao exercício da prática clínica privada assumindo a coordenação da Ortopedia no grupo Luz Saúde - Hospital da Arrábida e a direção clínica da Companhia de Seguros Fidelidade.

Na perspetiva de José Manuel Teixeira, à Ortopedia compete preservar a função e o movimento da estrutura músculo-esquelética de forma rápida e eficiente. No caso de doentes traumatizados procura-se, sempre que possível, aliar a preservação da função à vertente estética.

Abrangendo um vasto campo de intervenção, na visão de José Manuel Teixeira, os ortopedistas devem procurar a subespecialização, porém “enquanto médicos não podem descurar as bases da Ortopedia mais generalista que lhes permite olhar o paciente e o sistema músculo-esquelético como um todo”, com o sentido crítico que viabiliza a discussão entre pares. “Estas são questões importantes: defendendo que a Ortopedia deve ter especializações; devemos dominar grandes especializações técnicas capazes de ajustar a melhor técnica cirúrgica ou de tratamento a cada caso, mas continuo a entender que a formação de base tem que ser uma consistente formação generalista. Como diretor da Ortopedia do Hospital da Luz - Arrábida e como diretor clínico da Fidelidade Seguros não quero ter ortopedistas que só se dediquem a uma única área. Quero que tenham uma visão global”, sublinha o especialista.

“Em que altura sentiu que era necessário o caminho da subespecialização?”, questionamos. José Manuel Teixeira transporta-nos para a década de 90: “Há uma fase muito importante do

desenvolvimento da saúde em Portugal no final dos anos 90, quando o Estado aposta na construção de hospitais de média dimensão – Santa Maria da Feira, Guimarães, Vila Real, etc. – e fá-lo com quadros clínicos de gente muito nova, replicando modelos de serviços diferenciados de méritos reconhecidos internacionalmente, levando ao impulso da Ortopedia nacional com a criação de unidades especializadas e avanço tecnológico, como a cirurgia minimamente invasiva com recurso a microscópio”.

“À Ortopedia compete preservar a função e o movimento da estrutura músculo-esquelética de forma rápida e eficiente. No caso de doentes traumatizados procura-se, sempre que possível, aliar a preservação da função à vertente estética.”





TRAUMATOLOGIA - CAPACIDADE DE RESPOSTA A QUADROS CLÍNICOS COMPLEXOS

Enfrentar o dia a dia de uma seguradora exige grande capacidade de adaptação e resposta a quadros clínicos complexos, por forma a dar a melhor resposta possível a doentes que sofrem acidentes de viação, de trabalho, desportivos, etc. “Ser diretor do grupo Fidelidade é um desafio constante”, afirma José Manuel Teixeira.

Ali, o profissional faz-se rodear da sua equipa de médicos, jovens profissionais altamente diferenciados, que partilham a sua filosofia. “Obriga-nos a ter equipas de traumatologia altamente diferenciadas no tratamento de todo o sistema músculo-esquelético. Nós temos subespecialização no tratamento desses doentes e nisso fomos inovadores, não tenho dúvida alguma. Este modelo é o que existe em grandes centros internacionais e apresentamos resultados fantásticos. As seguradoras têm que ter os melhores especialistas, para tratar dos trabalhadores portugueses”.

Questionado sobre o crescente número de portugueses que opta por adquirir seguros de saúde, o especialista testemunha que essa opção já não é entendido como “um luxo”: “Na minha experiência os meus doentes gostam de ter acesso ao Serviço Nacional de Saúde, mas também querem uma segunda opção. Nesse aspeto, o seguro de saúde é uma possibilidade cada vez mais necessária para a maioria da população”.

Patologias e avanço da Ciência - períodos de recuperação muito menores

Cada patologia revela-se de forma particular, pelo que o diagnóstico tem de ser individual e o tratamento personalizado. Se outrora o tratamento mais radical das lesões do sistema músculo-esquelético residia na cirurgia aberta, implicando grandes cortes, maiores efeitos colaterais e elevado período de recuperação, hoje os avanços tecnológicos e científicos permitem a realização de intervenções cirúrgicas minimamente invasivas, menos traumáticas e com períodos de recuperação muito menores.

Na sua prática clínica o especialista apoia-se nas técnicas mais inovadoras no tratamento de patologias que afetam a mão e o pé quer de natureza degenerativa quer traumática. Os procedimentos artroscópicos permitem realizar uma intervenção teleguiada, olhando diretamente para as estruturas da articulação. Este procedimento pode tam-

bém ser usado para diagnosticar e tratar patologias articulares no joelho, ombro, tornozelo, cotovelo e punho.

A cirurgia minimamente invasiva permite novas abordagens ao tratamento de patologias como a rizartrose, no caso da mão — corresponde ao desgaste da articulação da base do polegar com perda progressiva da cartilagem e limitação da função da mão. “Esta, vulgarmente conhecida como artrose do polegar, é a mais frequente artrose da mão e das de maior incidência no futuro pela sobrecarga do uso do polegar em ações diárias como o manuseamento de telemóvel, escrita de texto digital, etc.”, explica José Manuel Teixeira. Esta doença origina dor na ligação do polegar ao punho agravando-se com os esforços, como por exemplo, desapertar um botão ou tentar rodar uma chave presa na fechadura. Numa primeira fase o tratamento baseia-se em medicação, mas no extremo necessita de intervenção cirúrgica. José Manuel Teixeira foi dos primeiros ortopedistas



“Hoje os avanços tecnológicos e científicos permitem a realização de intervenções cirúrgicas minimamente invasivas, menos traumáticas e com períodos de recuperação muito menores.”



em Portugal a realizar artroplastias para o tratamento da rizartrrose, sendo procurado por um número crescente de pacientes e tendo realizado já mais de trezentos procedimentos com resultados muito positivos no alívio da dor e recuperação funcional.

No pé, os tratamentos cirúrgicos minimamente invasivos – percutâneos ou não – que mais executa prendem-se com o tratamento de patologias como o Hallux Valgus, o vulgar joanete, que afeta o primeiro dedo do pé, com muito bons resultados estéticos, funcionais e de resolução da dor.

No foro da traumatologia, área que José Manuel Teixeira considera “aliciante”, fruto da sua atividade na Fidelidade Seguros, o cirurgião ortopédico depara-se com um elevado rácio de casos que necessitam de uma abordagem cirúrgica reconstrutiva – “fraturas, esfacelos, perda de substância, perda parcial ou total de membros...” – ou no acompanhamento de atletas que procuram um atendimento altamente especializado que lhes permita um diagnóstico assertivo e um tratamento que promova uma rápida recuperação. José Manuel Teixeira trata muitos destes casos que outrora se resignavam a tratamentos que implicavam vários meses de gesso “e agora se recuperam em seis semanas para alta competição”.

Tão importante quanto o diagnóstico e o tratamento da patologia é o acompanhamento do paciente no pós-cirúrgico: “a realização de protocolos e a boa relação com outros profissionais, nomeadamente de áreas como a fisioterapia, a reumatologia, a medicina interna, radiologia, etc. são fundamentais num trabalho em rede que beneficia em primeira instância o paciente”.



“A realização de protocolos e a boa relação com outros profissionais, nomeadamente de áreas como a fisioterapia, a reumatologia, a medicina interna, radiologia, etc. são fundamentais num trabalho em rede que beneficia em primeira instância o paciente”.

Desenvolvimento da técnica e da capacidade de diagnóstico

O desenvolvimento técnico e da capacidade de diagnóstico e tratamento deve-se não só ao treino e ao contacto com um elevado e variado número de casos, como à busca permanente de conhecimento.

Diretor pedagógico de cursos de periodicidade anual ou semestral, de treino cirúrgico em cadáver, em parceria com empresas como a Johnson’s, Sky Medical-Stryker e Medcontec, José Manuel Teixeira coordenada e ministra cursos para ortopedistas e médicos internos em áreas como a mão e o pé, com discussão de casos clínicos, reunindo colegas de referência nacional e internacional em cada área. “Este é um meio para transmitir aos outros profissionais aquilo que fui aprendendo ao longo dos anos e é um modo de me manter atualizado”.

No futuro, José Manuel Teixeira pretende continuar a desenvolver a sua carreira no grupo Luz Saúde - Hospital da Arrábida, dando continuidade “ao rumo de diferenciação e de grande competitividade”; aprofundar a especialização das suas equipas dentro da Fidelidade Seguros; e, em termos formativos, continuar a participar na evolução da Ortopedia em Portugal, nomeadamente em organizações científicas como a Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia e na direção pedagógica de cursos de formação.



HOSPITAL DA LUZ
ARRÁBIDA
FIDELIDADE
SEGUROS DESDE 1899



Dr. José Manuel Teixeira
ortopedista

www.josemanuelteixeiraortopedia.com

 DR JOSE MANUEL TEIXEIRA

CENTRO DA COLUNA E DA DOR



LIGUE PARA O NÚMERO AZUL
808 203 847

- ▮ RADIOFREQUÊNCIA
- ▮ OZONOTERAPIA
- ▮ FIBRA ÓPTICA PARA HÉRNIAS DISCAIS
- ▮ CIRURGIA DO PÉ

www.paincare.pt

A infecção do SNS pelo COVID-19



AS ADVERSIDADES NÃO TORNAM OS HOMENS NEM MELHORES NEM PIORES. APENAS REVELAM-NOS COMO SÃO.

As crises não tornam as instituições melhores ou piores, apenas nos revelam as suas debilidades de funcionamento e as dos seus responsáveis.

A actual epidemia provocada pela infecção por COVID-19, por ser um novo agente com resultados para o homem desconhecidos na sua totalidade e potencialmente graves, quer para este quer para a sociedade, colocou em estado de alerta a maioria dos governos e dos cidadãos. Muito deste alarmismo teve na sua génese o desconhecimento e a amplificação exagerada desse sentimento pela comunicação social.

Do que se sabe, o COVID-19 é uma infecção vírica transmitida pelas gotículas da saliva, que tem um período de incubação de 2-12 dias, que cursa com febre, tosse, alguma falta de ar e cansaço. Cada caso infeccioso gerará, em média, 2 casos secundários, mas 80% dos casos serão assintomáticos ou terão apenas sintomas ligeiros. As complicações mais graves ocorrerão em cerca de 5% dos infectados, particularmente nos idosos ou com doenças de base, como doenças pulmonares ou oncológicas, mas o nível de risco será semelhante ao da gripe comum. Cerca de 99,3% dos infectados recuperam em cerca de 3-4 semanas, e terá uma taxa de mortalidade de 1-2%, ligeiramente acima à causada pela gripe comum.

Ao analisarmos o que está a ocorrer com esta epidemia não podemos deixar de a comparar com o que se passou com a pandemia de gripe A, causada pelo vírus H1N1, em 2009. Nessa altura, ainda não tínhamos a mobilidade global a que hoje estamos habituados e não havia uma imprensa tão ávida de títulos sensacionalistas, nem que para isso tenha de se substituir à opinião dos especialistas, no entanto já tínhamos um governo socialista. O que assistimos nessa situação de crise foi a uma tutela com uma única voz forte, com orientações claras e simples, dirigidas aos profissionais de saúde e aos cidadãos, de forma a que todos sabiam o que deviam fazer, sem grandes dúvidas. Na infecção pelo COVID-19 temos assistido a

uma comunicação com duas vozes, a da ministra da saúde (MS) e a da directora geral da saúde, com comentários inúteis e orientações confusas e, por vezes, contraditórias. As orientações simples e claras apenas surgem no site da DGS, com pouca ou nenhuma divulgação para a população em geral e sem sentido para a fase de contenção. Nunca se ouviu, por parte dos nossos decisores, no caso de suspeitar que possa estar infectado pelo COVID-19, sem sintomas, de que devia ficar em casa, de não ir à unidades de saúde, de ligar para a linha SNS24 e deixar, previamente, que decidam qual a melhor orientação para o seu caso. Colocar em salas de “isolamento” nos centros de saúde, tipo casa de banho – isto é para rir? Por outro lado, temos uma validação médica de casos por via telefónica que funciona mal, tal como aconteceu no passado recente no caso dos incêndios, temos uma grande falta de equipamento de protecção individual para os profissionais de saúde, as soluções de isolamento nos centros de saúde são ridículas, a actuação do INEM demonstra claramente a debilidade em que se encontra e a preparação técnica e estrutural dos hospitais pode-nos deixar realmente alarmados. Se a infecção por este vírus é potencialmente grave, pelo menos para a sociedade, não deveríamos já ter um plano de contingência elaborado pelo MS?

A infecção por COVID-19 pode servir para implantar comportamentos sociais mais saudáveis, como o lavar as mãos frequentemente ou o tossir e espirrar para a prega do cotovelo ou para lenços de papel descartáveis de imediato. Vai servir, também, para demonstrar como os meios de comunicação social podem, actualmente, criar com alguma facilidade o alarmismo social e sentimentos apocalípticos para lá do razoável.

Mas vai servir, sobretudo, para constatar a tibieza de quem está à frente da gestão da saúde no nosso país, a fragilidade da SPMP/SNS24 e do INEM em momentos de crise, e a debilidade em que se encontram os hospitais do SNS.

António Araújo

Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos

Panorama das doenças hereditárias do metabolismo em Portugal e o papel da Sociedade Portuguesa de Doenças Metabólicas (SPDM)

AS DOENÇAS HEREDITÁRIAS DO METABOLISMO (DHM) SÃO ATUALMENTE CONSIDERADAS DENTRO DAS DOENÇAS RARAS UMA ÁREA DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA NO PROGRAMA PARA A SAÚDE (ESTRATÉGIA INTEGRADA PARA AS DOENÇAS RARAS).

Tudo começou há cerca de 40 anos com o início do rastreio neonatal da fenilcetonúria com o bem conhecido teste do pezinho. Faz-se atualmente o rastreio sistemático de 24 doenças hereditárias do metabolismo, integrado no Plano Nacional para o Diagnóstico Precoce, com uma cobertura nacional de excelência próxima dos 100%.

Embora as doenças hereditárias do metabolismo sejam doenças raras, no seu conjunto têm uma incidência em Portugal de 1:2296 (para as doenças rastreadas). De acordo com a Orphanet, na Europa, 1 em cada 2000 pessoas tem uma doença hereditária do metabolismo. No entanto, a maior parte destas pessoas sofre de doenças cuja prevalência é inferior a 1 para 100 mil pessoas, ou seja, que afetam menos de 100 doentes no país. Porém, o seu peso social é muito elevado por muitas serem incapacitantes e de difícil controlo.

Estas doenças têm formas de apresentação clínica muito variadas que vão desde as formas graves neonatais, e frequentemente fatais, até as formas leves de apresentação tardia. Apresentam frequentemente atingimento sistémico envolvendo múltiplos órgãos e sistemas e podem manifestar-se por sintomas comuns, o que dificulta o seu diagnóstico. Outro fator que dificulta o seu reconhecimento é a falta, ou o pouco conhecimento, que existe sobre as doenças hereditárias do metabolismo. Tudo isto contribui para que estas doenças tenham, geralmente, um diagnóstico tardio: 25% dos doentes têm o diagnóstico cerca de 5 a 13 anos após o primeiro sintoma (segundo literatura internacional).

O atraso no diagnóstico pode significar a perda da oportunidade atempada de intervenção. Um diagnóstico precoce, a correta monitorização, a possibilidade de terapêutica específica permite melhorar o prognóstico e sobrevida em muitos casos.

No entanto, tem-se observado uma enorme evolução nesta área. A expansão do rastreio neonatal, a evolução no diagnóstico precoce e no tratamento leva

à sobrevida dos doentes cada vez mais até à idade adulta. Por outro lado, o enorme progresso no diagnóstico bioquímico enzimático e genético permitiu uma melhoria na deteção das formas leves atenuadas de apresentação tardia. Tudo isto traduz-se num aumento crescente de doentes adultos, mais de 40%, uma população em expansão.



*Maria Teresa Cardoso, MD
Presidente da Sociedade Portuguesa de
Doenças Metabólicas
Centro de Referência de Doenças Hereditárias do
Metabolismo do Hospital Universitário de S. João
Especialista em Medicina Interna Graduada Senior
Coordenadora da Unidade de Medicina Interna*

Em Portugal as primeiras unidades metabólicas, inicialmente pediátricas, tiveram início nos anos 70-80, a partir de 2000 começou a surgir nas equipas o especialista em Medicina Interna, especialmente dedicado a esta área e surgiram as consultas para o doente metabólico adulto e a consulta de transição entre a idade pediátrica e a idade adulta.

Em 2008 foi criado o Plano Nacional para as Doenças Raras que estabeleceu as doenças hereditárias do metabolismo como uma área de intervenção prio-

ritária. Este plano, mais tarde, deu lugar à Estratégia integrada para as Doenças Raras 2015-2020. Esta estratégia pioneira a nível europeu não se confina ao setor da saúde, é baseada numa cooperação interministerial, interinstitucional e intersetorial de forma a permitir implementar medidas de uma forma integrada, com a participação de todos os setores, permitindo estabelecer prioridades com a contribuição de todos os recursos disponíveis.

"As doenças hereditárias do metabolismo podem ser identificadas em todas as especialidades médicas. É necessário estar consciente da possibilidade de ter um doente com estas patologias."

Iniciou-se então um processo de reconhecimento pelo Ministério da Saúde de centros de referência em doenças hereditárias do metabolismo. Inicialmente chamados centros de tratamento eram 10 a nível nacional, mais tarde denominados centros de excelência. Em 2016, após candidatura, foram reconhecidos oficialmente cinco centros de referência atualmente integrados na Rede Europeia de Referência MetaBERN.

Os centros de referência constituídos por equipas multidisciplinares especializadas e altamente diferenciadas tem uma particular concentração de conhecimentos e recursos para tratar estes doentes, prestando cuidados custo efetivos de alta qualidade permitindo ao doente beneficiar do conhecimento, de novos tratamentos e da investigação e de fazer parte de registos que contribuem para um melhor conhecimento científico destas doenças raras. (www.spdm.org.pt/creferencia/).

Para melhorar a continuidade de cuidados e facilitar o encaminhamento rápido dos doentes para os centros de referência foi criado pela Direção Geral de Saúde o Cartão do Doente com Doença Rara (2014) que permite o acesso ao diagnóstico e cuidados de urgência ou emergência a aplicar.

Para melhorar a informação ao doente foi publicado, em 2019, o manual com Informação de Apoio à Pessoa com Doença Rara sobre os serviços/cuidados disponíveis para estes doentes (www.spdm.org.pt/links/informacao-de-apoio-a-pessoa-com-doenca-rara).

Nos últimos anos várias terapêuticas enzimáticas de substituição e de redução de substrato têm sido desenvolvidas. Embora altamente dispendiosas, são reembolsadas pelo Serviço Nacional de Saúde. Atualmente, cerca de 256 doentes estão sob este tipo de terapêutica em Portugal.

As doenças hereditárias do metabolismo podem ser identificadas em todas as especialidades médicas. É necessário estar consciente da possibilidade de ter um doente com estas patologias. É importante reconhecê-lo e orientá-lo para um centro de referência. O seu reconhecimento passa por uma melhoria na formação pré e pós-graduada nesta área, passa por fornecer a todos os médicos e especialidades multi-profissionais o acesso a um conhecimento geral sobre doenças hereditárias do metabolismo. Neste âmbito, a Sociedade Portuguesa de Doenças Metabólicas (SPDM) tem um papel muito importante (www.spdm.org.pt/).

A SPDM é uma sociedade científica sem fins lucrativos que tem como missão desenvolver e apoiar atividades que visem a investigação científica e a formação na área das doenças hereditárias do metabolismo, no sentido de melhorar o diagnóstico, o tratamento, a partilha de conhecimento e a sua divulgação quer a nível das sociedades científicas quer a nível da sociedade civil.

Enquanto sociedade que congrega inúmeras áreas do saber, desde a área laboratorial à clínica e terapêutica, enquadra-se como um coletivo multidisciplinar. Um dos seus grandes propósitos é o apoio à investigação e formação, através da atribuição de várias bolsas: as mais importantes são a Bolsa SPDM de Investigação com a duração de um ano, as Bolsas SPDM para estágios clínicos de três meses em centros de referência internacionais, a bolsa de incentivo à criação de projetos na área da terapia dietética e bolsas de curta duração para pequenos estágios.

A Sociedade realiza e patrocina também múltiplas ações de formação ao longo do ano.

A SPDM procura também ter um efeito agregador promovendo a ligação interpares e com as Associações de Doentes, estimula a elaboração de protocolos nacionais de atuação nas diferentes patologias, toma posição em relação a novas terapêuticas, a medicamentos órfãos e faz a discussão científica de todos os temas de ponta na área das doenças hereditárias do metabolismo.

Assistimos a um enorme progresso nesta área com um aumento da capacidade de diagnóstico e de intervenção terapêutica a que se associa a expansão de custos e restrições orçamentais que podem constituir uma ameaça a esta evolução.

É preciso aumentar a informação ao nível do doente, da população em geral, mas também dos profissionais de saúde – É muito importante o aumento da formação nesta área para possibilitar a correta referenciação dos doentes e o seu tratamento precoce permitindo assim melhorar a sobrevida.



INFORMAÇÃO

O 16th International Symposium of the Portuguese Society for Metabolic Disorders que terá lugar em Lisboa, foi adiado para os dias 12 e 13 de Novembro 2020 tendo em conta a recomendação da Direção Geral de Saúde subscrita pela Ordem dos Médicos e Apifarma no sentido de conter o surto pelo novo Coronavirus em Portugal.



A Anestesiologia é Medicina Centrada no Doente

**CONGRESSO SPA 2020 - ADIADO PARA
11 A 13 DE OUTUBRO DE 2020**

A direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia por uma questão cívica e seguindo as Recomendações da Ordem dos Médicos adiou o Congresso SPA 2020 para 11, 12 e 13 de outubro. Assim, evitou a concentração num local fechado de nove centenas de médicos, incluindo convidados internacionais, por forma a não facilitar a disseminação do Covid-19.

*Rosário Órfão, Presidente da
Sociedade Portuguesa de Anestesiologia*



A HISTÓRIA DA DOR E DO SEU CONTROLO CONFUNDE-SE COM O RAIAR DA HUMANIDADE E COM AS ORIGENS DA MEDICINA. COMO SINAL DE ALARME QUE É, TALVEZ TENHA SIDO O PRIMEIRO PROBLEMA MÉDICO DE QUE HÁ MEMÓRIA.

A dor e o desejo de encontrar cura já estão presentes na teologia cristã. Quando Deus criou a mulher (Génesis 2:21) "O Senhor Deus fez com que o homem adormecesse e dormisse um sono muito profundo. Durante o sono, tirou-lhe uma das costelas e fez crescer de novo a carne naquele lugar." No Jardim do Paraíso e após a desobediência de Adão e Eva (Génesis 3:16) Deus condenou Eva a "...dar à luz com muitas dores". Diversas religiões souberam desde logo o poder da oração e da meditação profunda, através do efeito lenitivo que pode ter em quadros dolorosos, de ansiedade e de depressão. Ou mesmo mais físicos, como durante o salat, oração islâmica, em que os movimentos são semelhantes aos que se fazem na prática do Yoga, em fisioterapia e são comparáveis a alguns gestos dos rituais judaicos ou católicos podendo ser considerados um tratamento clínico efectivo para disfunções neuro-músculo-esqueléticas. A mirra, uma das três ofertas dos reis magos ao menino Jesus, planta originária do Quênia, Somália e Iémen, era conhecida pelas suas propriedades analgésicas.



Dr. João Paulo – Anestesiologista-Intensivista – Secretário da Secção de Medicina Intensiva da SPA. Diretor da Unidade de M.Intensiva do Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira e Doutorando do I. Bioético da U. Católica Portuguesa da Universidade do Porto

A esponja soporífera de Hipócrates, uma mistura de ópio e mandrágora, usada desde o século IV a.C. até ao século XVII d.C., o ópio misturado com álcool sob a forma de tintura ou láudano, a coca mastigada, na América pré-colombiana, chamada kunka su-kunka (garganta adormecida) da cultura quéchua, que os jesuítas aprenderam a usar no tratamento da dor de dentes e tantos outros recursos que generosamente a natureza foi colocando à disposição da curiosidade e do engenho humanos, permitiram responder à necessidade de mitigar a dor e o sofrimento. Uma busca sempre orientada para o conforto e bem-estar do ser humano. Por isso, quando pela primeira vez foi usado o termo anestesia, do grego (an, sem; esthesia, sensibilidade) por volta do ano 50 pelo médico grego Dioscórides, famoso pelas suas experiências com plantas, a prática anestésica já tinha uma longa história. Era a história da anestesia que colocava a pessoa no centro das preocupações.

A origem da Medicina perde-se na noite dos tempos, mas qualquer que seja o caminho há sempre uma encruzilhada com a Anestesiologia, lembrando a Hipócrates que é pelo sofrimento e pela vulnerabilidade humanas que a sua arte nasce e existe. Essa é a raiz da Medicina que a Anestesiologia definiu e nunca perdeu. O que se cria e se desenvolve em Anestesiologia é fruto dessa preocupação fundamental: aliviar o sofrimento e prevenir o dano. A Anestesiologia, pela

sua história, pela sua natureza, pela sua prática, podia bem ser considerada o farol ético da Medicina.

A Anestesiologia foi pioneira na segurança inspirando-se em modelos aeronáuticos sofisticados e criando normas e procedimentos avançados com um impacto benéfico na mortalidade e na morbilidade peri-operatórias e nos prémios das seguradoras, foi exigente no ensino reconhecendo que este, devidamente tutelado e estruturado, produziria os seus frutos. Foi criativa no recurso a modelos matemáticos e a simuladores para treinar e avaliar os formandos e dar formação contínua a especialistas, foi inovadora nas intervenções e implementação de métodos que garantem e avaliam a qualidade de desempenho, preocupou-se com o impacto dos seus actos na opinião e satisfação não só do doente, mas também dos seus familiares.

"O que se cria e se desenvolve em Anestesiologia é fruto dessa preocupação fundamental: aliviar o sofrimento e prevenir o dano. A Anestesiologia, pela sua história, pela sua natureza, pela sua prática, podia bem ser considerada o farol ético da Medicina."

Pela sua vocação humanista, inspirada numa ética assumida, e por todo o capital de conhecimentos técnicos, versatilidade e capacidade comunicacional, a Anestesiologia tem sido chamada a preencher lacunas graves na medicina peri-operatória, nas equipas de emergência médica interna, nas áreas dos exames complementares mais invasivos, dolorosos ou perturbadores permitindo procedimentos de grande precisão e acuidade. Onde há um apelo, a Anestesiologia está lá. As solicitações são tantas e fundamentais que por vezes vê-se na necessidade de reduzir a sua participação em áreas que ajudou a fundar e onde tem capacidades únicas como é o caso da Medicina Intensiva, disciplina esta que agora optou por fazer o caminho sozinha levando consigo, no entanto, a marca indelével da Anestesiologia.

Mãe da farmacologia clínica nas suas origens, impelida pelo desejo de contribuir cada vez mais para o alívio do sofrimento tem sido uma das disciplinas médicas com mais representação na área das Neurociências.

Congresso SPA 2019



Muito para além da monitorização da profundidade anestésica ou da Neuro- anestesia, com humildade, exemplo por excelência daquilo que os antigos gregos chamavam sofrosina, a virtude da prudência, ensinada à exaustão na prática, durante o Internato, tem desafiado as ciências fundamentais e o conceito divino do inacessível aos mortais, Das Unmöglichliche, conquistando conhecimento e abrindo novos horizontes.

"O nascimento da Anestesiologia era uma inevitabilidade no percurso da Medicina. O nascimento da Anestesiologia era uma inevitabilidade na história da Humanidade. A Anestesiologia representa para o ser humano a garantia de que poderá fazer a sua caminhada com menos sofrimento, mesmo sem saber qual é a doença que o vai atingir."

Disciplina médica em que não é possível tratar apenas um órgão ou sistema ignorando os outros. A Anestesiologia não se dedica a um órgão ou a um sistema, mas à pessoa enquanto ser senciente. Um bloqueio troncular bem executado não chega. Se o doente disser que continua a sentir dor e isso for ansiedade, o processo não está completo. Se a anestesia geral balanceada decorrer com grande estabilidade cardiovascular, mas o pós-operatório não contemplar uma analgesia eficaz, a Anestesiologia ficou aquém da expectativa. Se o doente chega ao Bloco Operatório sem saber o que vai acontecer, isso é uma falha inaceitável. Não existe: "A anestesia correu bem, mas o doente morreu".

Para o Anestesiologista a família assume um papel importante como ponte onde transitam miríades de informações e sentimentos que importa identificar, validar, saber usar. Há muito que o Anestesiologista assumiu a família como parte integrante da equação. Quando o doente se encontra numa situação aguda, perturbado pela dor ou pelo medo, incapaz de tomar uma decisão sobre as suas preferências, mais ou menos determinantes para um desfecho adequado à pessoa e à situação, quando a qualidade do processo anestésico é uma prioridade, a entrevista com a família e as respostas reflexivas, e menos reactivas às dúvidas, insinuações e receios, a garantir que o Anestesiologista percebeu e foi percebido, isso é Medicina Centrada no Doente. A interpolação dos pontos aparentemente dispersos numa tal entrevista cruza e passa pelo doente que sem estar fisicamente presente não deixou de ser o foco.

Fazer a quadratura do círculo, tal como o desafio era proposto pelos antigos geómetras gregos com apenas uma régua e um compasso, implicou reconhecer a transcendência do número Pi o que só veio a acontecer em 1882, com Lindemann, quinze séculos mais tarde; Em Anestesiologia, fazer a quadratura do círculo implica reconhecer e aceitar a transcendência do sofrimento humano que está muito para além duma questão técnica que se resolve com uma régua e um compasso. Implica reconhecer no doente a sua vulnerabilidade, a sua dimensão social e a sua complexidade orgânica procurando a correspondência deste "círculo" no "quadrado" do nosso Serviço Nacional

de Saúde, nos interesses da indústria farmacêutica e da economia nacional e em nós próprios enquanto seres humanos com defeitos e virtudes que assumimos a provedoria do doente. Este coeficiente, este "valor de Pi", chama-se Confiança e brota da Ética.

O nascimento da Anestesiologia era uma inevitabilidade no percurso da Medicina. O nascimento da Anestesiologia era uma inevitabilidade na história da Humanidade. A Anestesiologia representa para o ser humano a garantia de que poderá fazer a sua caminhada com menos sofrimento, mesmo sem saber qual é a doença que o vai atingir. E se é verdade que não trata nenhuma doença em particular também é verdade que contribui decisivamente para o tratamento de muitas. Foi a Anestesiologia que abriu caminhos insuspeitados até há poucos anos. Tornou possível cirurgias extraordinárias de complexidade e agressividade. É chamada frequentemente para a frente, e por excelência, a dar a sua contribuição no alívio da dor em doenças incuráveis e penosas que doutra forma só na morte teriam descanso. Desejar a morte para si próprio é a grande doença, a mais grave que foi concebida e descoberta até hoje! Uma sociedade onde cabem a Medicina e a Anestesiologia, mas que aceita o desejo de morte dum membro seu, é uma sociedade doente. Cabe à Anestesiologia e ao Anestesiologista serem ouvidos. Antes de mais. Também por isso é, e deve ser considerada, um símbolo da Medicina Centrada na Pessoa.

"O Congresso SPA 2020, no tempo que vivemos com as vicissitudes da política e da economia, numa sociedade distraída com o acessório e com a desinformação, é uma provocação bem sonora que nos desafia a repensar e a re-orientar o nosso tempo, a nossa inteligência, as nossas competências, enfim a nossa praxis, para o doente que se entrega aos nossos cuidados."

Mais que uma especialidade, a Anestesiologia é uma forma simbólica de estar na Medicina em que a pergunta que a define não é: "What is the matter with the patient?" mas "What matters to the patient?"

Cabe aos Anestesiologistas, a todos nós, manter essa bandeira bem alto. Este congresso da SPA, tal como as edições anteriores, continua a ser um convite a isso, mas o Congresso SPA 2020, no tempo que vivemos com as vicissitudes da política e da economia, numa sociedade distraída com o acessório e com a desinformação, é uma provocação bem sonora que nos desafia a repensar e a re-orientar o nosso tempo, a nossa inteligência, as nossas competências, enfim a nossa praxis, para o doente que se entrega aos nossos cuidados. Não tenhamos receio de o assumir. Mais do que nunca, os tempos são de mudança, de choque de culturas.

Espero que o Congresso da SPA 2020 seja para todos nós algo de muito pessoal e que mantenha vivo e verdadeiro o sentido da Medicina Centrada no Doente na prática da Anestesiologia.

Em enfermagem é impossível dissociar a ciência do humanismo

EM NOVEMBRO DE 2014 FOI CONSTITUÍDA A ASSOCIAÇÃO DE ENFERMAGEM EM CUIDADOS CONTINUADOS E PALIATIVOS (AECCP). EM DIÁLOGO COM A PRESIDENTE DA DIREÇÃO, EMÍLIA FRADIQUE, FICÁMOS A CONHECER OS OBJETIVOS, A IMPORTÂNCIA E OS DESAFIOS SUBJACENTES A ESTA ATIVIDADE EM PORTUGAL.

Em 2006 surgiu, em Portugal, a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), que procura proporcionar cuidados continuados às pessoas idosas e cidadãos com dependência. Neste contexto, onde os enfermeiros desempenham um papel preponderante, foi reconhecida por um grupo destes profissionais a necessidade de criar a AECCP, no sentido de partilha de constrangimentos e promoção de desenvolvimento da enfermagem nesta área de cuidados. “O contributo dos enfermeiros para o sucesso da Rede é fundamental, uma vez que, em todas as tipologias, mais de 80% das horas por cama e dia de internamento são de responsabilidade de enfermeiros”. (UMCCI, 2008).

Nestes cinco anos, desenvolvemos várias parcerias, nomeadamente com a Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (APCP), a Sociedade Portuguesa de Feridas (ELCOS) e a “Paliativos sin Fronteras”, entre outras. Fizemos vários eventos de encontros científicos, cursos de formação e conferências científicas. No entanto, necessitamos de mais enfermeiros com voz ativa conosco, e de criar grupos de trabalho que adquiram meios para darmos maior visibilidade ao trabalho que fazemos.

Valorizar a Enfermagem em Cuidados Continuados e Paliativos

A AECCP pretende, entre outros objetivos, promover a área de Enfermagem em Cuidados Continuados e Paliativos (CCP), editar e divulgar informação técnico-científica, estimular a partilha de experiências entre enfermeiros e impulsionar a investigação e formação em CCP, promovendo a divulgação de boas práticas. Não obstante esta ser uma Associação de Enfermeiros, a AECCP valoriza a Equipa Multidisciplinar como uma ferramenta primordial para uma abordagem holística e multidimensional da pessoa vulnerável e com necessidades de acompanhamento especializado, de forma a dar respostas céleres e consistentes.

Saber trabalhar em equipa é uma primazia que envolve, além da prática clínica, inteligência emocional; É na partilha entre pares que amadurecemos e inovamos as nossas intervenções. Como tal, a AECCP está presente em momentos de contributo enquanto parceiro, por exemplo, da Ordem dos Enfermeiros; no grupo de trabalho para a competência de Enfermagem à Pessoa em Situação Paliativa; na discussão sobre legalização da Eutanásia; nos media; nas Escolas de Enfermagem, promovendo reflexão acerca dos Cuidados em fim de vida – Intervenção do Enfermeiro. Participámos também no Plano Estratégico para o Desenvolvimento dos Cuidados Paliativos em Portugal 2019-2020: podemos reforçar que os cuidados paliativos pediátricos são uma população de emergente resposta nacional que importa também dar atenção.

Importância e reconhecimento

A Enfermagem é preponderante em todas as fases do ciclo de vida e tem como desígnio o cuidar, não só quando se está doente, mas também – e acima de tudo – quando se está saudável. Os enfermeiros acompanham todo o processo de quem tem uma doença deste cariz, e este acompanhamento vai muito para além da medicação e da intervenção mais técnica. Foca-se na readaptação funcional, no ensinar e apoiar a vida da pessoa, ainda que com doença.

Os enfermeiros em cuidados continuados e paliativos promovem o envolvimento dos cuidadores e da família em todo este processo, ajudando a que as transições entre os vários níveis de saúde (por exemplo, de um hospital para o domicílio) sejam realizadas da forma mais segura e adaptada possível. Além disso, os enfermeiros promovem ainda cuidados especializados, tendo em conta as necessidades de cada pessoa, permitindo que sejam reduzidos os acessos ao serviço de urgência, reduzindo também os internamentos hospitalares por via da gestão eficaz da sua doença crónica e do acompanhamento continuado e personalizado de cada indivíduo.

Hoje já existe um reconhecimento, por parte do cidadão, da necessidade de cuidados de enfermagem de qualidade, com enfermeiros de excelência a seu lado. No entanto, cabe também a cada um exigir mais enfermeiros, para que todos os dias sejam atendidas – da forma mais célere e eficaz possível – as necessidades dos cidadãos, famílias e comunidades. Hoje, com as dificuldades de recursos humanos existentes, é imperativo que estas sinergias aconteçam e que a sociedade questione o papel dos enfermeiros, com uma certeza inequívoca de que pode acrescentar valor, não só na dimensão dos ganhos em saúde, mas também na dimensão económica.

Em enfermagem, é impossível dissociar a ciência do humanismo. Não se prestam cuidados de enfermagem sem competência técnico-científica e prática baseada na evidência, na mesma medida em que não se prestam cuidados de enfermagem sem humanismo, sem colocar o utente no centro do cuidar. No entanto importa também não dissociar o humanismo na sua vertente racional daquela que é a vertente espiritual do ser humano, essencial ao cuidar e intrínseca a cada um de nós.

Um recente estudo pioneiro de representatividade nacional, promovido pela Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (www.apcp.com.pt), demonstra que 2/3 dos portugueses desconhecem a existência e as práticas dos Cuidados Paliativos. Curiosamente, nesse mesmo estudo, 50% dos indivíduos inquiridos que se assumiam a favor da eutanásia diziam que mudariam essa posição se tivessem a garantia de que a Medicina não os deixaria em sofrimento intolerável. Estes factos revelam um nível de desinformação preocupante e justificam, por si só, mais e melhor informação para os portugueses sobre estas matérias.

“Cuidar sempre”

Um recente estudo pioneiro de representatividade nacional, promovido pela Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (www.apcp.com.pt), demonstra que 2/3 dos portugueses desconhecem a existência e as práticas dos Cuidados Paliativos. Curiosamente, nesse mesmo estudo, 50% dos indivíduos inquiridos que se assumiam a favor da eutanásia diziam que mudariam essa posição se tivessem a garantia de que a Medicina não os deixaria em sofrimento intolerável. Estes factos revelam um nível de desinformação preocupante e justificam, por si só, mais e melhor informação para os portugueses sobre estas matérias.



Emília Fradique (presidente da direção da AECCP) e Tiago Nascimento (presidente do Conselho Fiscal da AECCP)

“OS CUIDADOS PALIATIVOS NÃO PODEM SER VISTOS APENAS COMO CUIDADOS EM FIM DE VIDA”

À margem das III Jornadas de Cuidados Continuados e Paliativos, que se realizaram, em Lisboa, a 6 de março, o suplemento Perspetivas falou com a vice-presidente da Associação Europeia de Cuidados Paliativos (EAPC), Sandra Martins Pereira. Convidada a comparar o panorama nacional nesta área sensível da saúde e bem-estar com o que sucede noutras realidades internacionais, a investigadora em bioética e cuidados paliativos e em fim de vida do CEGE, Centro de Estudos em Gestão e Economia, da Universidade Católica Portuguesa reconhece que o nosso país “tem feitos grandes esforços” no sentido de proporcionar uma resposta eficaz a um conjunto de prementes necessidades.

“Hoje, é possível verificar que temos uma Lei de Bases de cuidados paliativos, existe uma lei que consagra os direitos das pessoas em contexto de doença avançada e fim de vida, uma lei que consagra o direito ao testamento vital e a designação de um procurador de saúde, e uma lei que consagra o estatuto do cuidador informal”, enfatiza a investigadora e docente. Com efeito, e paralelamente às estruturas legais, Portugal revelou-se “pioneiro no desenvolvimento de mestrados e pós-graduações na área dos cuidados paliativos”, nos quais a qualidade surge em sintonia com uma interessante “interdisciplinaridade”. Nesse sentido, e à luz de estudos que têm vindo a ser desenvolvidos pela EAPC, o nosso país assume um papel dianteiro no panorama formativo, ao qual não será alheio “o reconhecimento da especialidade” de enfermagem paliativa.



Sandra Martins Pereira, vice-presidente da Associação Europeia de Cuidados Paliativos

Ainda assim, e uma vez observada toda a realidade europeia, Portugal manifesta alguns condicionalismos a que importa atender. Afinal, “sofremos os efeitos de uma crise, com elevados cortes financeiros que afetaram o Serviço Nacional de Saúde”, exemplifica Sandra Martins Pereira. Significa isto que “não temos o número suficiente de equipas especializadas” para responder às necessidades de uma população que sofre, de resto, com “contextos de desigualdade e assimetrias”. Concomitantemente, a vice-presidente da EAPC considera imperativo “mudar a cultura da nossa sociedade” no que aos cuidados paliativos diz respeito, na medida em que estes “não podem ser vistos apenas como cuidados em fim de vida”, mas sim como uma necessidade que importa reivindicar, em nome da dignidade de todos e para a qual “os profissionais de saúde têm de continuar a ser sensíveis”.

Posto isto, “há que reconhecer o trabalho que já está feito e que continua a ser preciso concretizar”, desde a capacidade de se assegurar uma cobertura eficaz, através de equipas munidas de profissionais suficientes e com formação e competências adequadas para garantir cuidados paliativos de qualidade “a funcionar 24 horas por dia”. Por fim, Sandra Martins Pereira lamenta as dificuldades sentidas na obtenção de financiamento adequado para o desenvolvimento de investigação científica em cuidados paliativos, sublinhando a pertinência que esta área exerce na manutenção da qualidade de vida de todos nós.

Se não houver acesso e, sobretudo, se não houver informação sobre Cuidados Paliativos, a escolha sobre o que queremos para o fim dos nossos dias será feita de forma imperfeita e deturpada, sem estar na posse dos mais recentes dados sobre a matéria. Não se trata de contrapor a “alternativa Cuidados Paliativos” à “alternativa Eutanásia”: qualquer que seja a nossa posição sobre a eutanásia, todos devemos ter acesso aos Cuidados Paliativos. Demos aos Cuidados Paliativos, enquanto Direito Humano, o lugar universal que lhes está reservado. Infelizmente, os Cuidados Continuados e Paliativos são o parente pobre da Saúde e esta posição tem vindo a custar caro a quem precisa deles.

Nesse sentido, o desígnio de “Cuidar Sempre” é um apelo de compaixão e de alívio do sofrimento, mediante intervenções de enfermagem, quer em contexto interdependente, quer autónomo. O enfermeiro é o profissional de saúde mais próximo da sua população, é o elo de ligação com os outros profissionais da equipa e detentor de estratégias de comunicação que facilitam a literacia para a Saúde. Estar próximo de quem é vulnerável e capacitá-lo para deixar de ser vítima e passar a ser decisor no seu processo de doença.

Desafios à prestação de cuidados

Os grandes desafios estão muito alocados à necessidade de proporcionar visibilidade ao trabalho do enfermeiro e dar a perceber à população os serviços prestados, assim como a dificuldade em dar resposta à maioria das necessidades. Ter cuidados de saúde diferenciados e especializados é um direito de todo o cidadão. Desde modo, a qualidade dos cuidados passa por um grande desafio de reformular métodos que demonstrem a melhoria da prática clínica, como zelar pela observância dos padrões de qualidade das intervenções de enfermagem. Por sua vez, às instituições de saúde compete adequar os recursos e criar estruturas que obviem ao exercício profissional.

As instituições de saúde existem para o cidadão, tal como os profissionais de saúde (e aqui em particular os enfermeiros) existem para dar resposta ao cidadão. Podemos avaliar a qualidade dos cuidados que hoje se oferece aos pacientes em Portugal, na maioria das vezes, pelo grau de satisfação do próprio. Contudo, nem sempre assim acontece. O empenho do enfermeiro – tendo em vista minimizar o impacto negativo na pessoa doente, provocado pelas mudanças de ambiente forçadas pelas necessidades do processo de assistência de saúde – é uma necessidade emergente.

Mensagem aos profissionais

A Enfermagem e a Enfermagem Avançada tem um papel de destaque na nossa sociedade, quer pela necessidade de dar resposta aos cidadãos com vulnerabilidade e sofrimento, quer pelo seu contributo para a sociedade académica. Praticamente, quero dizer: os cuidados de enfermagem especializados, como resposta à evolução das necessidades em cuidados de saúde.

Em suma, a maioria da evidência científica vai ao encontro daqueles que são alguns dos grandes objetivos da AECCP, e que podem ser mais facilmente alcançados através da prática especializada em Enfermagem: melhorar a qualidade dos cuidados de saúde, reduzir as desigualdades, melhorar o acesso, apostar na promoção da saúde e no combate à doença crónica. Reforço a necessidade do associativismo, recreando esforços para otimizar a imagem social e de intervenção do enfermeiro, junto da população a necessitar de cuidados continuados e paliativos.



Tratamento Hiperbárico, um novo método que melhora a sua qualidade de vida

FAZENDO JUS AO SEU NOME, A PORTUGAL ADVANCED HEALTH (PAH) TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA HIPERBÁRICA EM PORTUGAL, TENDO IMPLEMENTADO O TRATAMENTO HIPERBÁRICO A 1.4 ATM, À SEMELHANÇA DO QUE JÁ EXISTIA NOUTROS PAÍSES (COMO, POR EXEMPLO, ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA E REINO UNIDO). ATRAVÉS DE UM CORPO CLÍNICO MULTIDISCIPLINAR, DESENVOLVEM-SE TRATAMENTOS ALTAMENTE INDIVIDUALIZADOS, TENDO EM VISTA O REFORÇO DA QUALIDADE DE VIDA EM DOENTES COM PROBLEMAS REUMATOLÓGICOS E NEUROLÓGICOS OU A RECUPERAÇÃO DE LESÕES.

Localizada em pleno centro de Lisboa, a PAH é um espaço pioneiro, em Portugal, no desenvolvimento de tratamentos hiperbáricos a 1.4 atmosfera. Homologada pelo Infarmed como dispositivo médico e cumprindo todos os requisitos da OE para os equipamentos de alta pressão, este é um projeto que funciona numa clínica que se encontra dotada de um corpo clínico multidisciplinar e amplamente capacitado, que proporciona um acompanhamento inovador na resposta a todo um conjunto de diferentes patologias ou outros problemas associados à saúde e ao bem-estar.

Ao falarmos de Tratamento Hiperbárico, fazemos alusão a uma tipologia de tratamento em que, neste caso, o paciente recebe oxigénio concentrado enquanto repousa no interior de uma câmara monolugar, a uma pressão equivalente àquela que se sente num mergulho a quatro metros de profundidade. Mas se, no passado, a utilização de câmaras hiperbáricas (a outras pressões) estavam sobretudo associadas ao combate de “infecções profundas nos tecidos ou a intoxicações provocadas pela inalação de monóxido de carbono”, hoje em dia são cada vez mais reconhecidos os méritos que este “tratamento adjuvante” assume – tal como salienta o diretor clínico da PAH, Tiago Costa – “na melhoria da qualidade de vida” (seja através da recuperação de um sono de qualidade, do aumento da energia, ou de um alívio da dor e desconforto).

Efetivamente, “o nosso objetivo era oferecer um tipo de serviços médicos que, até à data, não existiam em Portugal”, prossegue o especialista em Otorrinolaringologia. Importa, nesse sentido, sublinhar o cariz indolor, cómodo e seguro de um tratamento que, atendendo às suas características, se demonstra particularmente eficaz na diminuição de sintomas associados – por exemplo – à fibromialgia, à dor crónica, às lesões musculares, à fadiga crónica, enxaquecas ou acidentes vasculares cerebrais. Na base destes resultados está o facto de o ambiente hiperbárico permitir que as células do organismo consigam absorver maiores quantidades de oxigénio, comprovando as mais-valias de um tratamento que, em suma, é “anti-edema” (reduz o inchaço nos tecidos), “pró-cicatrizante” (acelera o processo de cicatrização), “anti-inflamatório” e “anti-isquémico”.



“Todos os tratamentos são desenhados à medida” e “sempre apoiados em fundamentação científica”, pois “as pessoas com fibromialgia e as lesões musculares não são todas iguais”, para cada situação, existem escalas de avaliação e monitorização específicas.

Acompanhamento personalizado

Uma vez que o perfil do utente que recorre à Medicina Hiperbárica é bastante heterogéneo, podendo englobar desde quem sofra de doenças reumatológicas (nomeadamente, a fibromialgia e artrite reumatoide) até atletas de alta competição que procuram dirimir o desgaste físico, não deverá constituir surpresa que também os moldes e duração do tratamento se possam afigurar diversos. Como tal, e antes da aplicação de qualquer procedimento, “é feita uma consulta prévia” por “médicos com competência de Medicina Hiperbárica e Subaquática”, lembra Tiago Costa. Na sequência desse momento de avaliação holística, é confirmada a elegibilidade, bem como as características do plano de sessões a realizar. Posto isto, o número, a frequência e a duração das sessões são definidas em consulta médica.

Se há, todavia, um processo puro e simplesmente indissociável das diversas etapas de um tratamento hiperbárico, tal corresponderá à personalização de um processo em que se privilegia o valor da ligação próxima entre o corpo clínico e de enfermagem com cada paciente. Lembrando, aliás, que “os enfermeiros são muito vocacionados para a individualização do cuidar, Ana Filipa Martins enfatiza

que “todos os tratamentos são desenhados à medida” e “sempre apoiados em fundamentação científica” e nos protocolos que foram definidos. De facto, e tal como exemplifica a enfermeira coordenadora e fundadora da PAH, “as pessoas com fibromialgia e as lesões musculares não são todas iguais, por isso é que, para cada situação, existem escalas de avaliação e monitorização específicas”.

O segredo está, claro, na preocupação em “olharmos a pessoa” sem nunca subestimar “a necessidade de prestar apoio”, não sendo raros os casos em que, durante a preparação para o tratamento hiperbárico, são identificadas outras necessidades ou problemas de saúde para os quais o paciente é alertado e posteriormente encaminhado. Esta identificação criou a necessidade de aumentar a resposta que se proporciona a cada pessoa, tendo atualmente uma equipa especialista em tratamento de feridas e acompanhamento domiciliário. Claro está que, à margem de todo este processo (e lembrando as suas características enquanto tratamento adjuvante), os profissionais da PAH procuram entrar em contacto com os especialistas (por exemplo, fisiatras e reumatologistas) que acompanham cada paciente, no sentido de complementar toda a informação relevante para as diversas fases do tratamento.

Gestão de expectativas

Atendendo a tudo o que já se mencionou, não deverá constituir surpresa que a própria longevidade do tratamento hiperbárico possa oscilar consoante cada caso. Um aspeto que se revela essencial é a “gestão de expectativas”, na medida em que também o comportamento do paciente se demonstra fulcral para o sucesso da intervenção. “Numa fase inicial, os tratamentos são diários, o que pode causar alguma entropia na vida das pessoas”, esclarece Ana Filipa Martins, antes

de acrescentar que “se as sessões não forem realizadas consoante prescrição médica, o tratamento fica comprometido”.

Ainda assim, e paralelamente a fatores como a assiduidade ou a pontualidade, tendo em vista o otimizado desempenho das sessões, existe um conjunto de outros cuidados a que o paciente deverá atender com responsabilidade, desde a cessação tabágica ao não consumo de bebidas gaseificadas nas horas imediatamente antes ou após os momentos de tratamento. Posteriormente, e uma vez concluído o plano inicialmente definido, é avaliada (sempre de forma personalizada) não apenas a necessidade de se desenvolverem outras sessões, mas também a periodicidade das mesmas.



*Ferida com 21 Anos - 20 sessões de tratamento hiperbarico + tratamento local.
4.12.19 - 04.03.20*

Medicina Hiperbárica hoje

Sublinhando as características de “um ato médico, que é prescrito por médicos” e devidamente acompanhado por enfermeiros especialistas que reúnem ampla experiência nesta tipologia de tratamentos, a Medicina Hiperbárica apresenta-se, neste momento, como uma área “em franco crescimento” no nosso país, embora ainda com um nítido caminho a concretizar, rumo à sua consolidação e reconhecimento mais amplo. Se, tal como contextualiza Tiago Costa, “houve um boom social”, devido a casos de natureza mais mediática, “ainda existe muito trabalho a fazer dentro da própria comunidade médica”, na medida em que, “embora algumas especialidades já nos conheçam, muitos colegas de profissão ainda não estão alertados para as possíveis aplicações” destes tratamentos.

Semelhante é, por seu turno, a perceção de Ana Filipa Martins. “Quando iniciámos este projeto, a aceitação pela comunidade médica foi muito reduzida”, recorda a enfermeira coordenadora. Ainda assim, o trabalho dinamizado pela equipa da PAH tem manifestado os seus dividendos, ao longo destes últimos dois anos. Hoje, felizmente, “já existem reumatologistas, fisiatras, neurologistas e ortopedistas que reencaminham os seus pacientes” para sessões de Medicina Hiperbárica, num processo de gradual reconhecimento para o qual também o feedback e experiência pessoal dos utentes se têm revelado particularmente valiosos. Falamos, afinal, de cidadãos que viram a sua condição física, qualidade de vida e bem-estar significativamente melhorados e que têm contribuído para referenciar espaços como a PAH.

Posto isto, e numa conjuntura em que Lisboa tem vindo a testemunhar a abertura de novos espaços dedicados à Medicina Hiperbárica, os nossos interlocutores não escondem a expectativa de expandir o seu âmbito de atividade, quer mediante a abertura de novos centros noutras regiões do país, quer através do desenvolvimento de parcerias junto de outras clínicas. Já outra estratégia que a PAH tem concretizado passa pelo desenvolvimento de relações de proximidade junto de entidades seguradoras, num esforço para “procurar reduzir os encargos das famílias” com este tipo de tratamentos personalizados (que não são contemplados pelo Serviço Nacional de Saúde), incentivando a que mais pessoas disponham de acesso a estes.

Paralelamente, os profissionais da PAH têm procurado implementar estudos e proceder à recolha de dados alusivos não apenas aos resultados dos tratamentos efetuados, como também à satisfação geral dos seus utentes, com o objetivo de consolidar (e, posteriormente, partilhar em congressos científicos) o abrangente contributo que a Medicina Hiperbárica poderá assumir em Portugal num futuro próximo.

“VOLTEI A SER EU PRÓPRIA E A NÃO FICAR REFÉM DOS SINTOMAS”

“Descobri o tratamento num dia de desespero. Antes disso, já tinha passado por várias especialidades de Medicina e medicação. O que me despertou a curiosidade para a câmara hiperbárica foi o facto de não ter contraindicações e, por isso, sabia que não perdia nada em experimentar. O primeiro contacto foi com a enfermeira Ana (a minha menina do bem) e a minha melhoria começou logo aí, porque senti que as pessoas acreditaram nas queixas que trazia – e essa é a parte mais importante para quem sofre de fibromialgia, pois esta condição é muito solitária e estamos 24 horas por dia com dores localizadas.

Quando comecei a fazer o tratamento, senti uma grande sensação de alívio, como se o meu corpo começasse a descomprimir. Fui muito certinha nos tratamentos que fiz: um pack de vinte sessões diárias. O certo é que a minha vida mudou para melhor: comecei a dormir, as minhas crises começaram a ser muito mais espaçadas e a dor passou a ser de menor intensidade. Isso é meio caminho andado para nos começarmos a sentir melhor e termos vontade de fazer coisas, porque a fibromialgia rouba-nos a carreira profissional, os amigos, a família e a vida social. Este tratamento trouxe-me a capacidade de ter energia para voltar a fazer coisas e a sair com os meus filhos novamente.

Este tratamento não cura a fibromialgia, mas permitiu-me voltar a ser eu própria e a não ficar refém dos sintomas desta condição. Depois das vinte sessões, passei a fazer três tratamentos por semana e, à medida que as coisas foram evoluindo, passei para duas. Entretanto, fiz o Caminho para Santiago de Compostela a pé e foi uma experiência maravilhosa. Queria ultrapassar-me e consegui. Acima de tudo, diria às pessoas para não perderem a esperança, o que não é fácil quando se fica sozinho e isolado. É importante ter o apoio da família e estarmos bem acompanhados a nível de médicos. Quem tem fibromialgia experimenta”.



Elsa Teixeira, 45 anos,
utente da PAH que sofre de fibromialgia



Telefone: 308 807 652 • Mail: geral@portugaladvancedhealth.com

Morada: Av. Estados Unidos da América, 2C/2E 1700-174 Lisboa

<https://portugaladvancedhealth.com/>

Saúde Oral em Lisboa gratuita para crianças e jovens

A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (SCML) DISPONIBILIZA, DESDE AGOSTO DE 2019, O SERVIÇO ODONTOPEDIÁTRICO DE LISBOA, GRATUITO, PARA CRIANÇAS E JOVENS ATÉ AOS 18 ANOS, QUE RESIDAM OU ESTUDEM EM LISBOA.

A inauguração do SOL (Saúde Oral em Lisboa) veio, efetivamente, colmatar a falta de respostas numa área tantas vezes menos valorizada quando pensamos em saúde e onde, quer em países ricos, quer em países pobres, mais fortemente se sentem as desigualdades sociais.

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa pretende com o SOL ajudar a melhorar os níveis de saúde oral da comunidade onde se insere, trabalhando junto dos mais novos.

Reforçando o seu papel de complementaridade do Serviço Nacional de Saúde, a SCML pretende com o SOL ajudar a melhorar os níveis de saúde oral da comunidade onde se insere, trabalhando junto dos mais novos para lhes proporcionar mais saúde oral. As doenças orais podem ter um impacto significativo na qualidade de vida das pessoas quando ficam comprometidas funções tão básicas como mastigação, fala e sorriso, pelo que a saúde oral tem um papel relevante na qualidade de vida da população.

O SOL conta com a dedicação de uma equipa de excelência com cerca de 30 profissionais, equipamentos modernos e uma avançada tecnologia, razões que permitem disponibilizar um conjunto de serviços abrangente e diferenciador em todas as especialidades médico-dentárias a crianças e jovens (Ortodontia, Odontopediatria, Endodontia, Higiene Oral, Periodontologia, Cirurgia Oral, Dentisteria e Patologia Oral).

A inauguração deste centro foi um sucesso imediato, com cerca de 1 500 consultas logo no primeiro mês, numa média de 100 por dia. A meta é atingir 50 mil consultas por ano e, até 2025, diminuir até 60% da prevalência de cárie dentária.



O SOL conta com a dedicação de uma equipa de excelência com cerca de 30 profissionais

Como funciona

Os serviços do SOL podem ser utilizados por qualquer utente com idade compreendida entre os 0 e 17 anos e 365 dias, que resida ou frequente um estabelecimento de ensino no concelho de Lisboa, qualquer que seja a sua condição social e/ou económica.

Nos casos dos residentes em Lisboa, para validar a inscrição será necessário apresentar o cartão de cidadão, de forma a comprovar a morada de residência e a idade.

No caso de estudantes em estabelecimentos de ensino no concelho de Lisboa, para além do cartão de cidadão, deverá ser apresentada uma declaração de matrícula.

A utilização dos serviços e tratamentos está isenta de qualquer pagamento, exceto nos tratamentos e intervenções em ortodontia. No entanto, os beneficiários de Abono de Família estão totalmente isentos do pagamento em qualquer ato, tratamento e intervenção no SOL.

Pode saber mais sobre este serviço em <http://sol.scml.pt/>

A inauguração deste centro foi um sucesso imediato, com cerca de 1 500 consultas logo no primeiro mês, numa média de 100 por dia.



Este serviço dispõe de equipamentos modernos e uma avançada tecnologia, que permitem disponibilizar um conjunto de serviços abrangente e diferenciador em todas as especialidades médico-dentárias.



SAÚDE ORAL
EM LISBOA 0-18
SAÚDE SANTA
CASA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa



Há mais de **520 anos**
a cuidar de quem precisa.

Séculos de boas causas.

Em 1498, a Rainha D. Leonor criou a Irmandade de Invocação a Nossa Senhora da Misericórdia, assumindo o compromisso de apoiar os mais desfavorecidos e promover as 14 obras de Misericórdia. Hoje, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa continua a sua missão original, com uma intervenção na sociedade cada vez mais ampla e adequada ao tempo em que vivemos, comprometendo-se a encontrar novas respostas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas mais velhas e promovendo o envelhecimento ativo, digno e saudável.

www.scml.pt

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa



Tratamentos endoscópicos da obesidade

EM DIÁLOGO COM O PERSPETIVAS, O DIRETOR CLÍNICO DA GASTROCLINIC – DR. MIGUEL AFONSO – REFLETE SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS GASTROENTEROLOGISTAS NO COMBATE MULTIDISCIPLINAR À OBESIDADE. NESSE CONTEXTO, APRESENTAM-SE AS MAIS-VÁLIAS DOS DIFERENTES TRATAMENTOS ENDOSCÓPICOS, QUE SE CARACTERIZAM PELA SUA ABORDAGEM MENOS INVASIVA.

Qual o papel da Gastroenterologia no Tratamento de Obesidade?

Tradicionalmente, os gastroenterologistas não se concentravam no tratamento da obesidade. No entanto, com a prevalência da obesidade em ascensão, com novas técnicas menos invasivas (por endoscopia) em evolução e um reconhecimento mais amplo da obesidade como uma doença fisiopatológica que requer terapia primária, o gastroenterologista está a emergir como um ator-chave no tratamento multidisciplinar de pacientes com distúrbios de obesidade e excesso de peso.

Os gastroenterologistas já tratam muitas doenças relacionadas à obesidade, incluindo refluxo gastroesofágico, doença da vesícula biliar e fígado gordo.

A obesidade tem sido associada como um fator de risco significativo para as cinco principais doenças malignas do trato gastrointestinal. Com o crescente reconhecimento do papel integral que o trato gastrointestinal desempenha na fisiopatologia da obesidade, a obesidade pode ser vista com maior clareza pelos gastroenterologistas como uma doença digestiva.

Temos conhecimento de que a disfunção no trato gastrointestinal predispõe os indivíduos à obesidade e as suas consequências, como síndrome metabólica e diabetes e de que a cirurgia bariátrica, ao alterar o trato gastrointestinal, pode ajudar a melhorar os problemas da obesidade e diabetes.

Qual o lugar dos tratamentos endoscópicos no tratamento da obesidade e em que medida são complementares às cirurgias bariátricas como o bypass gástrico?

Embora as cirurgias bariátricas e metabólicas, como a gastrectomia vertical e o bypass gástrico em Y de Roux, continuem a ser as estratégias a longo prazo mais bem sucedidas para a perda de peso, apenas uma pequena percentagem é elegível ou estão dispostos a submeter-se a uma cirurgia invasiva, devido aos riscos e custos associados. Por outro lado, alterações no estilo de vida e terapias farmacológicas isoladamente são insuficientes para muitos pacientes que não se qualificam para a cirurgia e, por tal, existe uma lacuna significativa na gestão da obesidade.

Os métodos endoscópicos menos invasivos surgiram como opções de tratamento eficazes, reversíveis, relativamente seguras e mais em conta, representando uma

“janela terapêutica” para pacientes que se enquadram nesta lacuna de tratamento de pacientes com obesidade grau I e II.

A lacuna de tratamento resultante inclui dois subconjuntos principais de pacientes: a maioria dos pacientes com obesidade leve a moderada (obesidade grau I e II) que não se qualificam para cirurgia bariátrica e para quem o estilo de vida e as intervenções médicas são inadequadas e os pacientes qualificados com IMC maior de 40 (ou acima de 35 com comorbidades médicas), mas que não estão dispostas a fazer cirurgia.

Apenas 2% dos pacientes que se qualificam para a cirurgia optam por essa opção. Como tal, oferecemos tratamentos mais eficazes para a obesidade do que a intervenção isolada no estilo de vida, mas com menor custo e risco do que a cirurgia bariátrica, e é por isso que estes métodos endoscópicos são adequados para preencher a lacuna existente.

No entanto, os tratamentos de obesidade endoscópicos podem também ser utilizados como ponte para a cirurgia bariátrica em pacientes com o IMC demasiado elevado.

O gastroenterologista está a emergir como um ator-chave no tratamento multidisciplinar de pacientes com distúrbios de obesidade e excesso de peso.



DR. MIGUEL AFONSO

Nascido no Porto, o Dr. Miguel Afonso licenciou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina no Porto em 2002. É especialista em Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva desde 2011 e diretor clínico da Gastroclinic. Ao longo da sua formação, dedicou-se ao tratamento de obesidade por endoscopia tendo feito formação em centros de referência em São Paulo e Barcelona. Foi pioneiro em Portugal na realização de algumas técnicas como o balão intragástrico ajustável e sleeve endoscópico.

Quais os procedimentos endoscópicos atualmente disponíveis?

Nos últimos anos têm surgido diversos dispositivos e procedimentos endoscópicos para o tratamento da obesidade. Aqueles que têm demonstrado os melhores resultados e maior segurança nos estudos clínicos foram o balão intragástrico ajustável e o sleeve endoscópico.

Fale-nos um pouco destes métodos de perda de peso.

O balão intragástrico é um dispositivo de silicone que é introduzido no estômago através de uma endoscopia com sedação. Este procedimento demora em média 15 a 20 minutos, sendo um procedimento minimamente invasivo. O tempo de recobro são duas a três horas e o paciente tem alta no próprio dia. A recuperação é feita com dois a três dias de repouso em casa. Ao preencher uma porção do estômago, o balão intragástrico diminui o apetite e a ingestão de alimentos e causa saciedade precoce, permitindo assim perder peso. O balão é um excelente auxiliar na modificação dos hábitos alimentares, pois permite a adoção de novos hábitos sem a dificuldade inicial associada à fome e falta de saciedade. Mais recentemente, a tecnologia do balão intragás-

trico foi aprimorada com o aparecimento do balão intragástrico ajustável. Este tipo de balão pode ser reajustado ao longo do tratamento, permitindo melhores resultados.

O sleeve endoscópico é um procedimento de redução do estômago realizado por endoscopia, em que o estômago é suturado por dentro reduzindo cerca de 70% do tamanho da cavidade do estômago.

Existem dois métodos de redução do estômago por endoscopia: o método Apollo e o método POSE 2. Esta redução do volume do estômago permite uma redução na quantidade de alimentos ingeridos e conseqüente saciedade precoce, permitindo assim uma perda de peso. Com o sleeve endoscópico, ocorre em média uma perda de 60% do excesso de peso. A quantidade de peso perdido irá depender do peso inicial, sendo expectável uma perda de 20% do peso corporal.

No entanto, é muito importante salientar que sem uma mudança dos hábitos alimentares poderá haver uma perda de peso menor ou recuperação ao longo dos anos. O procedimento pode ser realizado em pessoas cujo Índice de Massa Corporal (IMC) seja superior a 30, que não tenham tido sucesso em perder e manter o peso com outros métodos.

Os métodos endoscópicos menos invasivos surgiram como opções de tratamento eficazes, reversíveis e relativamente seguras, representando uma “janela terapêutica” para pacientes que não se qualificam para uma cirurgia da obesidade.

Qual a importância de uma abordagem multidisciplinar?

A obesidade não é apenas a falha da dieta e exercício, mas sim de uma doença crónica recidivante multifatorial, que é muito mais complexa do que antes apreciada.

A percepção da obesidade como apenas um distúrbio do comportamento alimentar é insidiosa e pode ser compartilhada pelos médicos e pelos pacientes. Durante anos, entendemos a obesidade como uma simples equação do balanço energético, no entanto não é assim tão simples. Existem muitas complexidades relacionadas com a genética, metabolismo e fisiologia, bem como na forma como metabolizamos, armazenamos e gastamos calorías. Este preconceito está tão enraizado no que acreditamos sobre a obesidade, que muitas vezes se questiona se isso acabou por impedir a descoberta da verdadeira complexidade da obesidade e do metabolismo energético. Temos de superar essa tendência de que há preguiça ou falta de força de vontade em causa, se queremos progredir.

Como uma doença crónica multifatorial, a obesidade requer tratamento multidisciplinar e os gastroenterologistas devem fazer parte dessas equipas tal como os en-

docrinologistas, nutricionistas, psicólogos e cirurgiões bariátricos para fornecer um atendimento abrangente a estes pacientes.

Um dos principais benefícios de uma equipa de tratamento multidisciplinar é que o gastroenterologista pode contar com outros especialistas para indicar estilos de vida e terapia nutricional ou médica.

TRATAMENTOS ENDOSCÓPICOS DE OBESIDADE



BALÃO AJUSTÁVEL



SLEEVE ENDOSCÓPICO



A obesidade não é apenas a falha da dieta e exercício, mas sim de uma doença crónica recidivante multifatorial, que é muito mais complexa do que antes apreciada.

Em que medida, há necessidade de adaptar a formação médica do gastroenterologista?

Em alguns países, como nos Estados Unidos e em Espanha, já foi implementado a certificação em Endoscopia Bariátrica, implicando a frequência de cursos e seminários. Em Portugal, penso que também será essa a tendência. O uso de medicamentos para perda de peso também pode ser uma opção complementar aos tratamentos endoscópicos de obesidade.

Nem todos os gastroenterologistas assumem todos os aspetos do tratamento de um paciente com obesidade. Há que entender a importância de que o futuro do tratamento da obesidade está a direccionar-se para a terapia combinada através de alterações no estilo de vida, nutrição, medicamentos, dispositivos endoscópicos e, possivelmente, até combinação de vários dispositivos.

Como em qualquer área médica, é muito importante a especialização e a experiência para obter os melhores resultados e minimizar o risco de complicações. Pessoalmente, comecei a dedicar-me a este tema em 2008. Em 2012, fundei a Gastroclinic que foi, em Portugal, a primeira clínica dedicada ao tratamento endoscópico de obesidade. Ao longo destes anos, incorporámos as mais recentes técnicas. Em 2012, colocámos os primeiros balões intragástricos ajustáveis em Portugal e, neste momento, somos um dos grupos com mais experiência no mundo, com centenas de pacientes tratados. Nesse ano, também realizámos as primeiras reduções de estômago por endoscopia (a técnica POSE e mais tarde a técnica Apollo). Além do conhecimento e da experiência na execução de técnicas, é fundamental que o gastroenterologista acompanhe o paciente durante um período mínimo de seis a doze meses, em articulação com um nutricionista. Esse acompanhamento é fundamental para melhorar os resultados.



Av. Luis Bivar 93D Lisboa
Rua 16, 646 Espinho
www.gastroclinic.pt

“A nossa missão é contribuir para a felicidade do paciente”

NO CORAÇÃO DE LISBOA, JUNTO À AVENIDA DA LIBERDADE, HÁ UMA CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA ONDE OS TRATAMENTOS SÃO ADAPTADOS ÀS NECESSIDADES DE CADA CASO. NA CLÍNICA MIGUEL CALHAU ENCONTRAMOS TECNOLOGIA DE PONTA, UM AMBIENTE DE TRANQUILIDADE E ELEGÂNCIA E UMA EQUIPA QUE, COMO AS MELHORES ORQUESTRAS, TRABALHA EM UNÍSSONO PARA QUE O PACIENTE ESTEJA, A CADA VISITA, UM PASSO MAIS PERTO DA FELICIDADE.

Há 70 anos que esta clínica se tem destacado tanto pela inovação como pela visão humanista de cada caso. Aqui, mais do que tratar a saúde oral, tratam-se pessoas.

De facto, este é um espaço com uma história longa, mas a sua vivacidade e dinamismo mantêm-se bem firmes no tempo. Fundada pelo avô do atual diretor clínico e nosso interlocutor, a Clínica Miguel Calhau continua a merecer a confiança de muitos filhos e netos daqueles que outrora aqui foram acolhidos. Do avô e de outros mestres, o nosso entrevistado aprendeu o conhecimento e a visão de uma Medicina Dentária orientada para o ser humano. E isso é evidente logo à entrada, num espaço de tradição, conforto e elegância. Aqui, o bem-estar do paciente está acima de tudo.

Para Miguel Calhau, “não se pode dissociar a situação dentária do ser humano, com todas as suas particularidades”. Por esse motivo, esta clínica prima pelo cuidado humano, executando tratamentos cujos resultados se espelham por todo o corpo. A cada intervenção, Miguel Calhau e a sua equipa devolvem “o sorriso, a confiança, a auto-estima e, muitas vezes, a qualidade de vida”. Embora o nosso interlocutor reconheça que uma clínica é também uma empresa, é a reação do paciente que, no final, valida todo o esforço empreendido. Segundo nos conta, “muitas vezes o paciente emociona-se com o resultado e essa é que é a verdadeira motivação”.

“Criamos sorrisos porque prestamos um cuidado que faz o paciente sorrir genuinamente – esse é o nosso objetivo e a nossa motivação”, explica o diretor clínico, Miguel Calhau.

Planeamento: o primeiro passo

Conceptualmente, qualquer tratamento dentário assenta nos mesmos princípios. Contudo, o diretor da Clínica Miguel Calhau não hesita em reiterar a importância da “customização”, adequando esses princípios às necessidades de cada situação. “Os tratamentos devem ser aplicados de maneira personalizada”, realça o clínico. Para ele, antes de se iniciar qualquer procedimento é imperativo “perceber a pessoa, conhecê-la e ter a certeza de como tudo vai funcionar”.

Para se alcançar este nível de certeza, a fase do planeamento é o primeiro e o mais importante de todos os passos. Por vezes, estas consultas chegam a demorar uma hora. Das necessidades estéticas às médicas, passando ainda pelas foné-

ticas e sociais, todas as variáveis são “cuidadosamente analisadas para se poder tratar de uma forma confortável e eficiente”. Para Miguel Calhau, “o planeamento é a chave do sucesso”. Mas “uma boa comunicação” é igualmente importante, privilegiando-se “um discurso coerente e honesto”, valores cruciais para um “paciente informado e feliz”.

Na Clínica Miguel Calhau é o paciente quem decide tudo o que acontece. O médico, no fundo, é “um mero executante”, como explica o nosso interlocutor, destacando ainda que apenas assim é possível anular possíveis receios e construir uma relação de confiança duradoura.

Interdisciplinaridade

“É como uma orquestra”. É desta forma que Miguel Calhau descreve a equipa com a qual trabalha há vários anos. Para ele, a Medicina Dentária deve ser encarada como uma peça musical tocada por vários instrumentos. Desse modo, interligando as várias especialidades, todos os planos são pensados e executados em harmonia, proporcionando “um serviço abrangente”, onde todas as necessidades têm resposta.

Hoje, encontramos aqui dois médicos dentistas, Miguel Calhau e Susana Lucas, uma Higienista Oral, Ana Domingos, e duas Assistentes Dentárias. Áreas mais específicas, como Endodontia e Cirurgia, têm também colaboradores próprios, garantindo uma resposta completa. Contando ainda



Dr. Miguel Calhau



com o importante apoio da enfermagem, estamos perante uma equipa de nove pessoas, um número que o diretor considera ideal para “dedicar ao paciente todo o tempo do mundo”.

Serviço completo, saúde plena

De facto, num contexto em que a Medicina Dentária tende a se especializar cada vez mais, a Clínica Miguel Calhau diferencia-se por articular toda a sua equipa numa única e eficiente resposta.

Todas as valências em Saúde Oral têm lugar aqui. No entanto, o tratamento “Dentes em 12 horas” é uma das maiores apostas desta clínica. É, na verdade, o que aqui se realiza mais frequentemente e o que mais satisfação proporciona pelo impacto positivo na qualidade de vida e autoestima do paciente.

A reabilitação com cerâmicas é outro dos tratamentos mais frequentes, a par da ortodontia invisível, um serviço cada vez mais em voga, mais cómodo e rápido do que os aparelhos convencionais. A ortodontia invisível destaca-se, ainda, pelo maior conforto que proporciona, além de um menor tempo total de tratamento.

Paralelamente, qualquer um destes serviços só tem resultados práticos quando “existe uma equipa de higienistas que acompanha o pós-tratamento”, como realça Miguel Calhau. E acrescenta: “é importante dar ao paciente todas as ferramentas necessárias para que ele tenha bons hábitos de higiene oral em casa”. Isso e, claro, “motivar positivamente”.

Diversidade é, de facto, a palavra-chave de toda uma estrutura pensada para, nas palavras do diretor clínico, “solucionar o problema do paciente de uma forma rápida e eficaz, mas também humana”.

Pack Viagem

Foi essa visão humana que esteve na génese do serviço Pack Viagem, concebido especialmente para clientes oriundos dos quatro cantos do mundo.

Tanto para a colocação de dentes em 12 horas como para a realização de qualquer outro serviço, este pacote inclui o tratamento e estadia de duas noites em hotel de quatro estrelas, com um acompanhamen-

to em permanência por membros da clínica. Além de ser uma boa oportunidade para conhecer a cidade de Lisboa, potencia também um planeamento médico mais apurado, aliando conforto e prazer ao tratamento dentário.

A Clínica Miguel Calhau tem um ambiente calmo, elegante e exclusivo. Aqui, privilegia-se o planeamento cuidado e a comunicação permanente com o paciente, que decide tudo o que se passa no consultório.

Sorrisos genuínos

Neste percurso de 70 anos, a clínica trilhou a sua identidade lado a lado com a mais avançada tecnologia. A título de exemplo, Miguel Calhau recorda que a sua clínica foi das primeiras a usar um microscópio em consultas, assistindo o médico na preparação dentária. Mas alcançar tais padrões de qualidade e excelência só é um feito possível quando a inovação se harmoniza com “um bom operador”. Afinal, como enfatiza Miguel Calhau, “trabalha-se sempre para o conforto do paciente”.

De facto, esse repto faz parte do dia-a-dia deste espaço, procurando-se criar “uma relação próxima” com alguém que, mais do que um paciente, é um amigo desta casa.

Ser uma clínica maior, com muitos tratamentos, não faz parte dos planos. Em vez disso, Miguel Calhau e a sua equipa ambicionam fazer o melhor possível para prestar um cuidado que faça o paciente “sorrir genuinamente”. Mais do que uma missão, este é o objetivo e a motivação da equipa da Clínica Miguel Calhau, proporcionando todos os cuidados necessários para que cada paciente encontre, aqui, uma nova razão para sorrir.

DENTES EM 12 HORAS

A equipa da Clínica Miguel Calhau destaca-se pela capacidade de efetuar tratamentos completos num curto espaço de tempo.

Por esse motivo, o tratamento “Dentes em 12 horas” é uma das maiores apostas deste corpo clínico. “É um tratamento rápido, seguro e que permite, em menos de 12 horas, recuperar, não só a função mastigatória, mas também a estética”, explica Miguel Calhau. No mesmo dia, removem-se as peças dentárias existentes, colocam-se quatro a seis implantes em cada maxilar e, ao mesmo tempo, é criada uma estrutura protética que se coloca na boca do paciente até se aplicar a prótese definitiva.

No decorrer deste tratamento, a clínica proporciona todas as comodidades necessárias para uma estadia confortável e uma recuperação tranquila. Afinal, na Clínica Miguel Calhau, o mais importante é que “as pessoas se sintam na clínica como nas suas casas”.



A arte de “devolver sorrisos” sob a visão de Cris Piessens

NESTA EDIÇÃO DO PERSPETIVAS, APRESENTAMOS AS REFLEXÕES DO IMPLANTOLOGISTA CRIS PIESSENS SOBRE AS PRINCIPAIS EVOLUÇÕES SENTIDAS EM TORNO DE UM UNIVERSO DA MEDICINA DENTÁRIA, ESPECIALIDADE QUE AJUDOU A DINAMIZAR NO CONTEXTO EUROPEU.

Falar do médico dentista Cris Piessens é fazer alusão a uma voz ativa na história da Cirurgia de Implantes europeia. Enquanto médico dentista poliglota e sempre disposto a partilhar o seu conhecimento junto de colegas e pacientes, o seu currículo é prova de um percurso singular. Afinal, e após uma licenciatura em Medicina Dentária pela Faculdade de Medicina da Université Libre de Bruxelles, o médico dentista procurou aprofundar o seu conhecimento no universo da Implantologia, seguindo os ensinamentos da Professora Doutora Chantal Malevez – uma das vozes pioneiras da especialidade, bem como uma das professoras que mais haviam marcado o percurso académico do jovem belga.

Uma vez alcançado o privilégio de prestar assistência às intervenções cirúrgicas de Professora Doutora Chantal Malevez, o nosso interlocutor fez questão de apostar nas mais-valias de uma formação contínua, caracterizada pela sua presença em cursos e programas de formação que o levaram do seu país natal a cidades tão díspares quanto, por exemplo, Viena (tendo frequentado o primeiro curso de Cirurgia proporcionado pela Nobel Biocare), Amsterdão ou Los Angeles.

Poucas terão sido as áreas no âmbito da Saúde Oral que, mediante um intervalo de três décadas, presenciaram tão impressionantes progressos como a Implantologia.

Ao longo da carreira, Cris Piessens procurou manter-se atualizado nas esferas do conhecimento, da técnica e dos avanços tecnológicos que, a grande velocidade, interferem com o melhor estado da especialidade. O acesso a “inputs que vêm de fora”, revelam-se decisivos para a evolução das técnicas e procedimentos que coloca em prática na Medicina Dentária de um modo geral, e na Implantologia de forma muito particular.

Atendendo ao estatuto de três décadas de experiência que detém, Cris Piessens é uma referência para muitos médicos dentistas. A postura de partilha e generosidade que revela permitiu-lhe ser anfitrião e mentor de várias “residências clínicas”, onde demonstrou a aliança entre as componentes teórica e prática, através dos mais recentes avanços tecnológicos.

Acresce que, entendendo a sua profissão como um serviço para a comunidade, protagonizou várias “info sessions”, em Portugal e no estrangeiro, que procuraram esclarecer a comunidade para o facto de que nunca será demasiado tarde para aprimorar-se a estética, a funcionalidade e o bem-estar de um sorriso saudável.

Implantologia: evolução constante

Poucas terão sido as áreas no âmbito da Saúde Oral que, mediante um intervalo de três décadas, presenciaram tão impressionantes progressos como a Implantologia. A comprová-lo, bastará recordar que quando Cris Piessens concretizou a sua primeira cirurgia, em 1987, a possibilidade de se substituírem dentes perdidos,

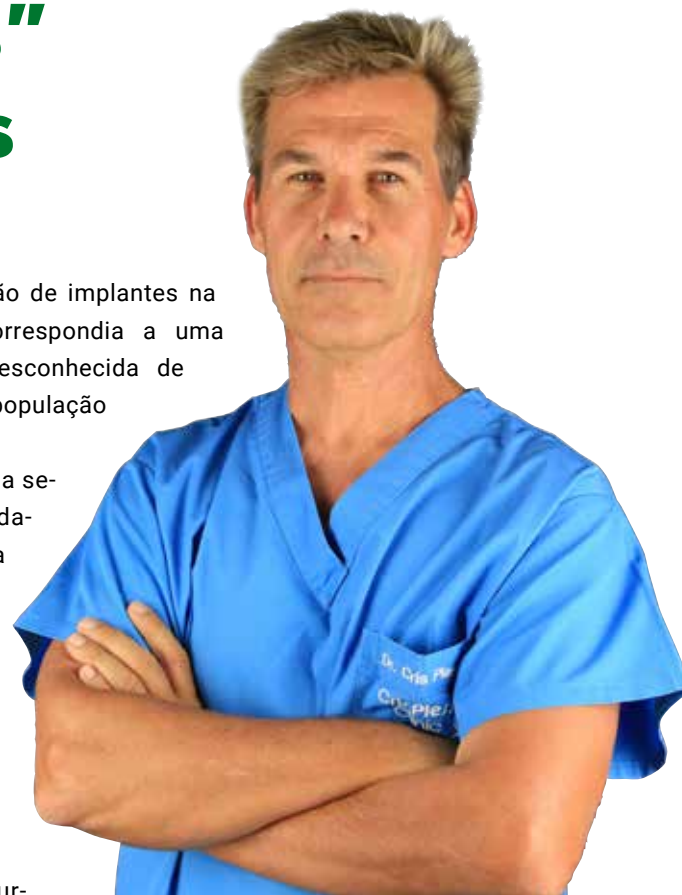
através da colocação de implantes na cavidade bucal, correspondia a uma mais-valia ainda desconhecida de grande parte da população portuguesa.

Se aspetos como a segurança e a fiabilidade nos ajudam a compreender a crescente consolidação em torno da Implantologia, importa ressaltar que igualmente decisivo para o seu sucesso tem sido o surgimento de protocolos e procedimentos gradualmente menos invasivos. Recorde-se, por exemplo, que no final da década de 1980 “as cirurgias eram feitas com anestesia geral total” em ambiente hospitalar, pressupondo não apenas a colocação de um elevado número de implantes no maxilar superior e inferior, mas também um período de um ou dois dias de internamento pós-operatório.

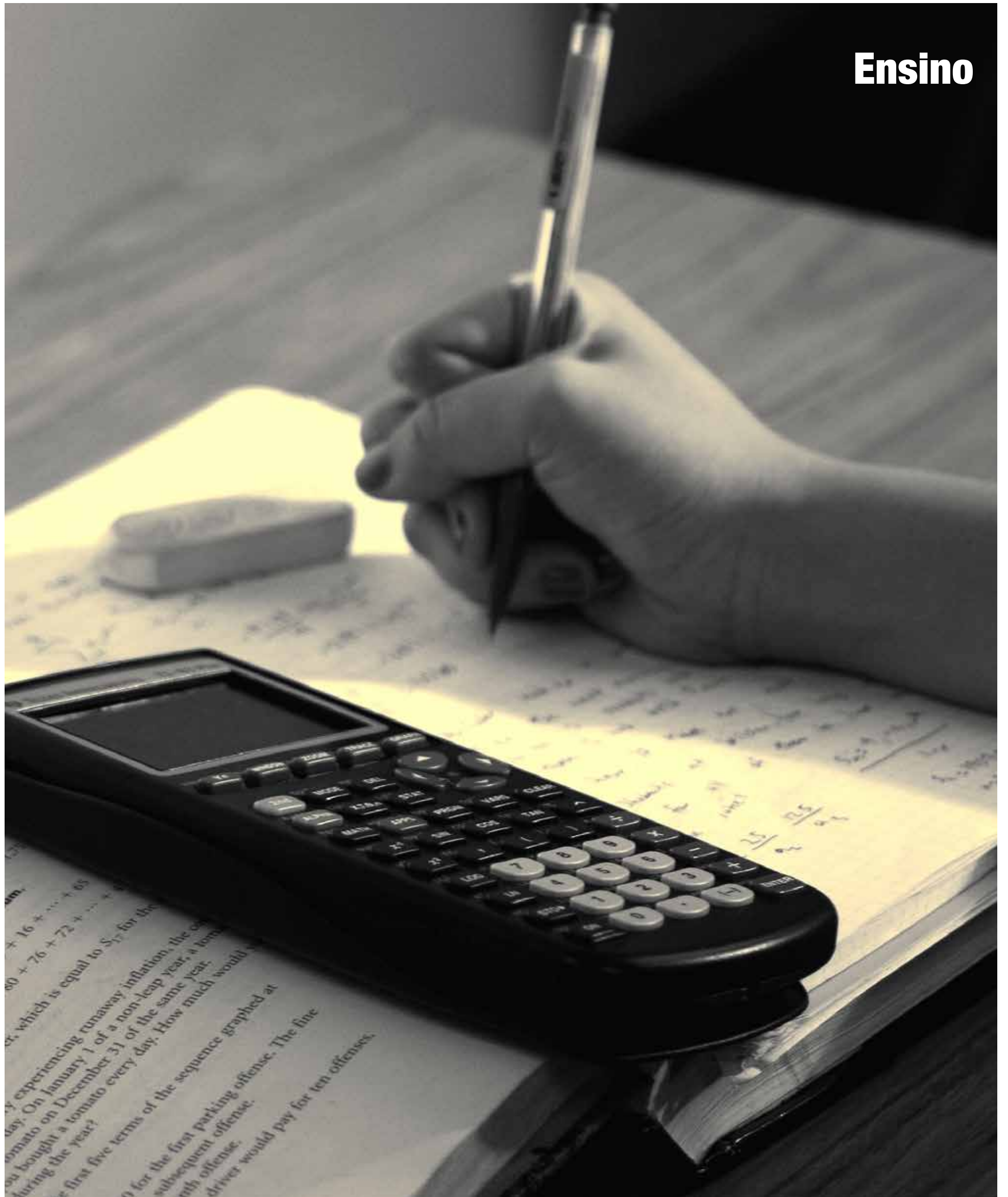
Atualmente, por outro lado, são já frequentes as “cirurgias em ambulatório” (com recurso a sedação consciente e anestesia local), bem como a utilização de protocolos de intervenção – como é o caso da famosa técnica All-on-4 – que possibilitam que o paciente seja intervencionado ao início da manhã e, no final desse mesmo dia, possa regressar a casa com um sorriso completamente reabilitado.

Paralelamente à constante renovação verificada nas tecnologias e procedimentos cirúrgicos, “algo que também evoluiu bastante foi a qualidade do implante em si”. Hoje em dia, os implantes de conexão cónica-interna permitem uma interligação “muito mais estável” entre estes e a coroa do dente. Igualmente essencial é, de resto, a matéria-prima de que são feitas as peças: se outrora “o titânio era o material de referência” para o seu fabrico, “hoje em dia temos, em alternativa, implantes em cerâmica” e “parafusos em carbono”, no que corresponde a “uma estrutura completamente livre de metal”.

Atendendo à firmeza de argumentos como sejam a menor possibilidade de reações alérgicas ou intolerâncias que os produtos em cerâmica demonstram, “existe já uma forte tentativa – em países como a Suíça, a Dinamarca e a Alemanha – de evitar que seja implantado no corpo humano tudo o que contém metal”, verifica o nosso interlocutor, numa alusão a uma tendência que deverá vir a repercutir-se em Portugal no decorrer dos próximos anos. Por outro lado, e enfatizando a comprovada mais-valia da aposta em equipamentos técnicos como o CBCT Dental Scan no planeamento das intervenções cirúrgicas, Cris Piessens antecipa que os próximos progressos da Implantologia sejam concretizados em consonância com o contínuo avanço das tecnologias digitais.



<https://algarvedentalimplants.com/>



$80 + 76 + 72 + \dots + 65$
er, which is equal to S_{17} , for the
y experiencing runaway inflation, the co
day. On January 1 of a non-leap year, a tom
you bought a tomato every day. How much would
during the year?
the first five terms of the sequence graphed at
0 for the first parking offense. The fine
subsequent offense.
driver would pay for ten offenses.

Escola Pública trabalha a integração e o desenvolvimento de competências



VIVENDO NUM TEMPO DE GRANDES MUDANÇAS NO ENSINO - "MUDANÇA DE PARADIGMA SOCIAL, CULTURAL E EMOTIVO" - O AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MORGADO MATEUS, EM VILA REAL, ESTÁ A IMPLEMENTAR A ATUALIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO E DO REFORÇO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS, DE FORMA PAULATINA, COM VISTA A ENVOLVER TODOS OS ELEMENTOS DA ESCOLA.



O Agrupamento de Escolas Morgado Mateus integra nove instituições de ensino – desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário – para um universo de 1900 alunos. O desafio de dirigir um agrupamento desta dimensão é para Marina Teixeira “diário”, numa organização recente e que, no seu entender, alcança maior lógica “quando tem o seguimento e o cruzamento entre todos os decretos-lei lançados recentemente”. A legislação recente – Decreto-Lei n.º 54/2018 – “estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das ne-



cessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa”. Ou seja, “o professor é hoje muito mais livre para poder adaptar o seu trabalho em contexto de sala de aula, sem que isso tenha que rotular o aluno, podendo até essa diferença ajudar outros estudantes. Uma atitude que, anteriormente, estava limitada aos casos enquadrados na esfera da Educação Especial, mas que hoje pode ser alargada a toda a turma.

Um trabalho que requer tempo e prática para que os professores consigam “apropriar-se do conhecimento necessário sobre o que podem ou não fazer”. “As pessoas só se apropriam das coisas quando trabalham com elas”, defende a diretora, nesse sentido, seguindo a legislação atual, os docentes estão a evoluir por forma a apresentarem as melhores práticas de ensino. A liberdade para experimentar, aprender fazendo, trocar ideias, etc. é prática comum, neste espaço onde a atenção recai na evolução de um ensino flexível e centra-

do no aluno – “estamos juntos a descobrir o caminho. Uma mudança de mentalidades que deve ser feita com um pensamento racional e ao mesmo tempo com muita emoção”.

Numa instituição de todos e para todos, a Escola não pode apropriar-se de uma filosofia comum e generalizada, pois “cada aluno é uma filosofia”. Esta nova visão do ensino exige a disponibilidade dos docentes para perceberem cada estudante segundo a sua dimensão holística. Um processo moroso que incita ao pensamento, à flexibilidade e à aprendizagem por tentativa e erro. “É preciso que o professor entenda a necessidade de partilhar experiências com outros colegas, ver novas formas de trabalhar que podem funcionar com o aluno A, mas não se ajustarem ao aluno B”, sublinha Marina Teixeira.

Absorvendo as indicações da Tutela para um ensino mais flexível e inclusivo, a diretora entende que o ensino em Portugal tenderá a dotar os estudantes de uma maior capacidade para pensar e não tanto de receber as informações que constam nos livros. Esta mudança deve abranger todos os graus de ensino, dando oportunidade aos jovens de pensar e não apenas de absorver os conhecimentos que o professor transmite. Este paradigma surge em consonância com a evolução de uma sociedade imbuída nas tecnologias da informação e da comunicação – “é preciso procurar informação, saber trabalhá-la com espírito crítico e grande abertura”, alerta a diretora. Neste processo é importante encontrar o equilíbrio entre o volume de conteúdos, essenciais para a realizar as avaliações teóricas, e a flexibilidade do ensino.

Nesta dinâmica de grande abertura e inovação pedagógica, Marina Teixeira não deixa de referir que, no seu entender, o passo a seguir incide no menor uso do manual escolar, com vista a um ensino regido pela aprendizagem prática – “é preciso que o trabalho seja mais prático, dando oportunidade aos estudantes de encontrarem as soluções e tirarem as suas conclusões”. Tal metodologia só pode ser aplicada em escolas preparadas com tecnologias de comunicação modernas e acessíveis a todos, algo que a direção clama para este agrupamento que carece de modernização, tanto mais que muitos dos cursos exigem um parque informático atualizado.

Marina Teixeira observa que os alunos estão abertos à mudança. Nesse sentido, a direção promove, através do diálogo com os estudantes, a participação ativa nesta alteração do ensino, numa dinâmica interativa com o docente - “uma mudança da socieda-

de que afeta professores, alunos, mas também os pais. Também a Associação de Pais está a levar a cabo um conjunto de sessões de esclarecimento que reúne os pais numa lógica de os trazer à Escola e a participarem ativamente nas iniciativas aqui organizadas”, enaltece a diretora.



O sucesso do ensino profissional

Dispondo ao nível do ensino secundário regular das áreas de Ciências e Tecnologias e de Línguas e Humanidades, é no ensino profissional que o AE Morgado Mateus se distingue.

Neste campo surgem os cursos de Técnico de Animação e Turismo, Técnico Auxiliar de Saúde, Técnico de Multimédia, Técnico de Juventude. “É incrível ver como estes jovens crescem e concluem os estudos com uma postura fantástica perante o mundo do trabalho”, comenta a nossa interlocutora que se assume “fã incondicional dos cursos profissionais”. Quando muitos destes estudantes entram no ensino profissional “com rótulos negros”, o trabalho realizado pelo agrupamento permite que 80% conclua o ensino secundário com propostas de emprego ou seguindo estudos. “Este sucesso deve-se a uma metodologia de ensino em que o trabalho prático é mais valorizado que o trabalho de memorização”, assume Marina Teixeira. O sucesso desta vertente formativa já galgou as fronteiras da Escola, que recebe um feedback muito positivo das empresas da região que solicitam a continuidade destas formações. “Inclusivamente, a pedido das empresas, a Escola iniciou programas de estágio já a partir do 1º ano. Assim, neste momento, temos formação em contexto de trabalho nos três anos, com estudantes a colaborar em eventos como Circuito de Vila Real, no Mês da Juventude, entre outras organizações do concelho”.



Integrar para crescer

O AE Morgado Mateus distingue-se por uma pujante atividade extracurricular que engloba estudantes, docentes e sociedade em geral. São vários os projetos levados a cabo por esta comunidade, especialmente focada no valor da solidariedade. Esta dinâmica teve início com um projeto liderado por professores, mas rapidamente contagiou positivamente os estudantes que “agarraram esse projeto como deles”. Neste âmbito, desde há quatro anos, a Associação de Estudantes organiza uma gala solidária, sendo frequentes os pedidos de autorização para dinamizarem outras iniciativas. “Um trabalho de solidariedade, pedido, organizado e realizado pelos alunos” que lhes concede um sentimento de pertença ao agrupamento muito importante para a sua integração, felicidade e até para o desenvolvimento de competências como o empreendedorismo.

No âmbito da flexibilidade, o Projeto Morgado Mais Sucesso – que foi beber aos princípios do projeto nacional Turma Mais – é adaptado mediante a análise realizada, no final de cada ano letivo, às características individuais dos alunos. Esta reflexão serve de base para formar as novas turmas, criadas com pleno respeito e atenção às capacidades e as dificuldades de cada estudante. “O projeto tem que ser ajustado aos alunos que temos e está a ser aplicado nas turmas de 1º, 2º e 3º Ciclos”, informa a diretora.



Instituição de ensino presente em inúmeros projetos de âmbito nacional e internacional (Projeto Eureka, Olimpíadas, Plano Nacional de Leitura, Escola Amiga da Criança, Erasmus+, etc.) no AE Morgado Mateus é efetiva a preocupação de incutir nos estudantes a capacidade de visão e adaptação a um mundo global onde a tolerância e a abertura para aceitar a diferença os torna seres humanos melhores. “Tentamos levar os nossos alunos a todos os sítios que pedagogicamente entendemos serem interessantes”, refere Marina Teixeira, destacando que também são realizadas viagens que têm como base as emoções, como por exemplo, dar a possibilidade de alguns estudantes verem o mar pela primeira vez ou ir ao estrangeiro – “procuramos abrir-lhes os horizontes, para que percebam que o mundo é muito grande e eles podem voar”.

Cofinanciado por:



Projeto BYTE - Uma outra forma de Ensinar e Aprender no Colégio CCG



O Colégio CCG assume, hoje em dia, e de uma forma cada vez mais sólida e visível, um papel preponderante no panorama educativo do concelho da Maia ao nível da educação básica, apostando numa educação valorizada e diferenciadora que, ao longo destes seus doze anos de existência, tem vindo a metamorfosear-se, não só para acompanhar a evolução natural do mundo que nos rodeia, mas, e acima de tudo, para se manter na vanguarda no que se refere à educação.



Dra. Elisa Almeida – Diretora pedagógica do CCG

A visão criativa e pragmática da Direção Pedagógica do Colégio CCG, Dra. Elisa Almeida, que desde o nascimento deste colégio tem liderado uma equipa educativa fortemente motivada, esteve na génese da construção de um projeto diferente que assenta, como tudo que sempre se fez no CCG, na qualidade e na atenção ao detalhe.

“A voracidade com que, na atualidade, as coisas mudam não pode ser ignorada também no contexto educativo que deverá, por conseguinte, mostrar-se permeável à

multiplicidade de estímulos que, cada vez mais e em maior diversidade, disputam a atenção dos alunos. Paralelamente a esta constante mutação, surge a inovação tecnológica cujos desafios e potencialidades tornam irresistível e inevitável a sua utilização mesmo em contexto educativo” - afirma a diretora do CCG que continua explicando: “Todavia, numa sociedade que tende a ser cada vez mais tecnológica, são os valores humanos que lhe podem dar sustentabilidade e trazer o equilíbrio tão necessário entre os avanços tecnológicos e o seu uso em prol do bem-estar dos seres humanos. Características como inteligência emocional, espírito crítico, capacidade de trabalhar em equipa e plasticidade intelectual serão, na nossa opinião, pré-requisitos para os cidadãos do Amanhã e o CCG pretende ser um espaço que promove condições para que o seu desenvolvimento aconteça logo desde o nascimento.”

Projeto BYTE – Build Your Technological Element

O Projeto BYTE – Build Your Technological Element, implementado no ano letivo 2019-2020 com a chancela exclusiva do Colégio CCG, decorre assim da observação crítica e atenta das transformações a que as sociedades têm estado sujeitas em todos os quadrantes sem exceção e impõe-se como uma resposta/reação que pretende dotar as crianças e os alunos do Colégio das ferramentas imprescindíveis para que num futuro, mais ou menos, próximo estejam preparados “para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem.” (in decreto-lei n.º 55/2018 de 6 de julho).

Os objetivos desde logo fixados para o Projeto BYTE articulam uma visão tecnológica e antropológica do mundo, num esforço constante de seguir de perto uma linha tênue que separa estes dois domínios, no qual os jovens não se limitem a ser meros consumidores de tecnologia mas possam ser, eles mesmos, verdadeiros agentes de evolução e construtores desse progresso tecnológico.

Para a implementação deste audacioso projeto contribuíram fatores determinantes que se interligaram para criar uma teia sólida, onde assentam todas as valências deste colégio. Desde logo, em resultado do amadurecimento de um trabalho de mais de uma década vocacionado para a educação de base, a visão da direção pedagógica contou com a abertura, vontade e disponibilidade de toda a equipa educativa do colégio que teve de reformular planificações, pesquisar novos conteúdos e materiais e repensar toda a dinâmica da sala de aula. Implicou

ainda a mobilização de recursos materiais e financeiros que viabilizassem ideias novas em espaços diferentes (construção do Espaço BYTE) e com equipamentos de vanguarda (tablets com s-pen, smartboards e displays da última geração)

Da Concetualização à Prática

O assumir do protagonismo da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem no CCG implicou que o Projeto BYTE se desdobrasse em duas grandes vertentes, por um lado a inclusão do uso de tablets em contexto de sala de aula, como ferramenta essencial de trabalho e de aprendizagem desde o 3.º ano de escolaridade até ao 6.º e, por outro, a integração da disciplina Projeto BYTE extensível a todas as turmas do ensino básico. Acima de tudo, a viabilidade desta nova abordagem reside na proximidade entre o educador/professor e criança/aluno, no conhecimento das especificidades de cada um, na possibilidade de integrar todos num ambiente participativo e dinâmico, de modo a orientar e permitir ser o próprio a descobrir e inovar.



Uso dos tablets em contexto de sala de aula

Projeto BYTE - Uma Metodologia, Múltiplos Interesses

A metodologia do trabalho de projeto em que assenta o projeto BYTE pressupõe etapas bem definidas e cronologicamente ajustadas que, independentemente dos temas escolhidos pelos alunos, culminarão em aprendizagens tão mais significativas quanto reveladoras das competências transversais desenvolvidas em cada um.



Os alunos reúnem e, em grupo, debatem e definem um problema que será a base do seu projeto



Apresentação final – alunos partilham o resultado do seu trabalho



Planificação das etapas a desenvolver para o trabalho de projeto



Trabalho de campo – no âmbito do seu Projeto, os alunos deslocaram-se a uma instituição que acolhe animais abandonados

Não se pense contudo que estes alunos nascidos em pleno século XXI voltaram as costas a todos os recursos do “passado”. O projeto BYTE é na sua essência um projeto que procura aliar o melhor de todos os mundos e por isso, manuais em papel, escrita com lápis e caneta, trabalhos de cariz manual e muitos livros continuam a marcar presença nos espaços de aprendizagem deste colégio. Neste âmbito, o currículo dos alunos do CCG integra disciplinas do foro literário, artístico e físico motor, disciplinas que pressupõem a valorização do inglês através da sua vertente oral – são as Conversation Classes e o Storytelling, disciplinas marcadamente tecnológicas – as T.I.C. e as Novas Tecnologias em diversas áreas (Internet, Multimédia, Programação, Robótica...), disciplinas de cariz experimental – Laboratórios de Motricidade, Ciências e Números e disciplinas de cariz mais reflexivo como Mindfulness.

PROJETO BYTE - OS TESTEMUNHOS

Importa, nesta fase e decorrido um período escolar desde a implementação deste multifacetado projeto, perceber qual o real impacto no dia-a-dia dos alunos e dos docentes que têm vindo a desenvolvê-lo de forma colaborativa. Os seguintes testemunhos permitem compreender qual a perceção que cada um dos intervenientes tem do Projeto BYTE.

“O Projeto BYTE ajudou-me a colaborar mais com os meus colegas e a ter mais consciência dos problemas do mundo.”
(Aluna do 4º Ano)

“O Projeto BYTE permite repensar os papéis que cada um pode desempenhar dentro da sala de aula, nomeadamente, através da metodologia de flip learning.”
(Coordenadora Pedagógica do Ensino Básico)

“A utilização de plataformas e/ou recursos tecnológicos veio permitir uma diferenciação pedagógica, fazer-se uma gestão mais assertiva e rentável de ritmos de trabalho e aprendizagem e dar ao aluno um maior protagonismo no seu próprio processo de aprendizagem.”
(Docente de Matemática do 2º Ciclo)

“É uma disciplina muito divertida, que nos ajuda a organizar melhor o nosso trabalho, saber dividir tarefas, trabalhar em equipa e desenvolver o espírito crítico.”
(Aluna do 5º Ano)

“Trabalhar em equipa nem sempre é fácil, mas no Projeto BYTE foi super divertido e produtivo.”
(Aluno do 2º Ano)

- “É uma disciplina cheia de inovação, em que temos a sorte de podermos aprender a trabalhar com tecnologia e em grupo, fazendo assim com que nos conheçamos melhor uns aos outros e a nós próprios. Adoro esta disciplina!”
(Aluno do 6º Ano)

“Trabalhar com os tablets em contexto de sala de aula, permite utilizar recursos muito diversificados, apelativos e que, muitas vezes, funcionam como uma poderosa metalinguagem para o que o professor diz nas suas aulas.”
(Professora Titular do 1º Ciclo)





A educação ao serviço de uma geração criativa e de mente aberta

FUNDADO EM 1926, O COLÉGIO ACADÉMICO TEM, NOS ÚLTIMOS ANOS, OUSADO DESAFIAR O MODELO PEDAGÓGICO TRADICIONAL. MAIS DO QUE ENSINAR A RESPONDER, AQUI ENSINA-SE A PERGUNTAR. NUM AMBIENTE DE CONSTANTE MOTIVAÇÃO, ESTA É UMA ESCOLA ONDE OS ALUNOS SÃO CAPACITADOS COM AS FERRAMENTAS NECESSÁRIAS PARA QUESTIONAR O PRESENTE E IMAGINAR O FUTURO.

No coração de Lisboa, perto do Saldanha, há uma escola onde se desenvolve o potencial intelectual e emocional de cada aluno, onde a tecnologia faz parte do quotidiano e onde o horário define horas específicas, não para a realização de aulas, mas de Projetos de Trabalho. Nestas sessões, os alunos formam grupos (por vezes, integrando colegas de diferentes escolaridades), propõem temas, definem abordagens e, no final, apresentam os resultados a toda a comunidade escolar. Nestes momentos, não há turmas. Em vez disso, a aprendizagem dos mais pequenos é incentivada pelos mais velhos e estes, consequentemente, consolidam os seus conhecimentos e aprendem a comunicar.

“Um dos trabalhos mais importantes do professor é não matar a criatividade dos alunos nem a curiosidade”, afirma o professor Pedro Sousa.

Para Pedro Sousa, professor nesta instituição há vinte anos, o resultado desta abordagem é claro: “os alunos são motivados a investigar, a aprofundar os temas, a desenvolver a comunicação verbal” e, principalmente, a pensar “sem formatações”.

Para muitos pais, esta é uma escola diferente da que eles próprios tiveram. Seguindo as orientações do Ministério da Educação, o Colégio Académico procura flexibilizar os currículos dos alunos, fomentando um clima de aprendizagem dinâmica e de interação entre várias disciplinas.

Ambiente positivo e estimulante

Em diálogo com o diretor do Colégio, Duarte Paiva, percebemos que este é um projeto educativo diferenciador, onde a avaliação depende de mais do que realizar provas de avaliação. Em vez disso, os docentes têm abertura para decidir como trabalhar, desde que estimulem a criatividade dos alunos e a partilha de conhecimentos.



“Educar para a Mudança” é o lema desta casa. E esse é um repto ao qual todo o Colégio responde na certeza de que a sala de aula e o mundo exterior se influenciam mutuamente. Por essa razão, a realidade digital está também presente nas aulas: todos os alunos dispõem de um iPad, adaptado ao contexto escolar, e são incentivados a usá-lo dentro e fora das salas.



Saldanha

Num ambiente positivo e estimulante, Pedro Sousa entende que “o professor deve “desenvolver no aluno as ferramentas necessárias para ultrapassar os obstáculos, sem nunca deixar que ele se sinta desmotivado”. Dentro das salas ou nos corredores da escola, es-

sa é a missão empreendida pelo corpo docente que aqui encontramos. Afinal, nas palavras de Pedro Sousa, “um dos trabalhos mais importantes do professor é não matar a criatividade dos alunos nem a curiosidade”, já que estimulam o trabalho e a capacidade de ultrapassar desafios.

Pessoas de plena cidadania

Dedicado a preparar crianças para a vida em sociedade, o Colégio Académico aposta também na formação cívica dos alunos. Da educação financeira aos valores, da gestão emocional à saúde sexual, é frequente realizarem-se por aqui sessões formativas onde toda a comunidade é chamada a intervir.

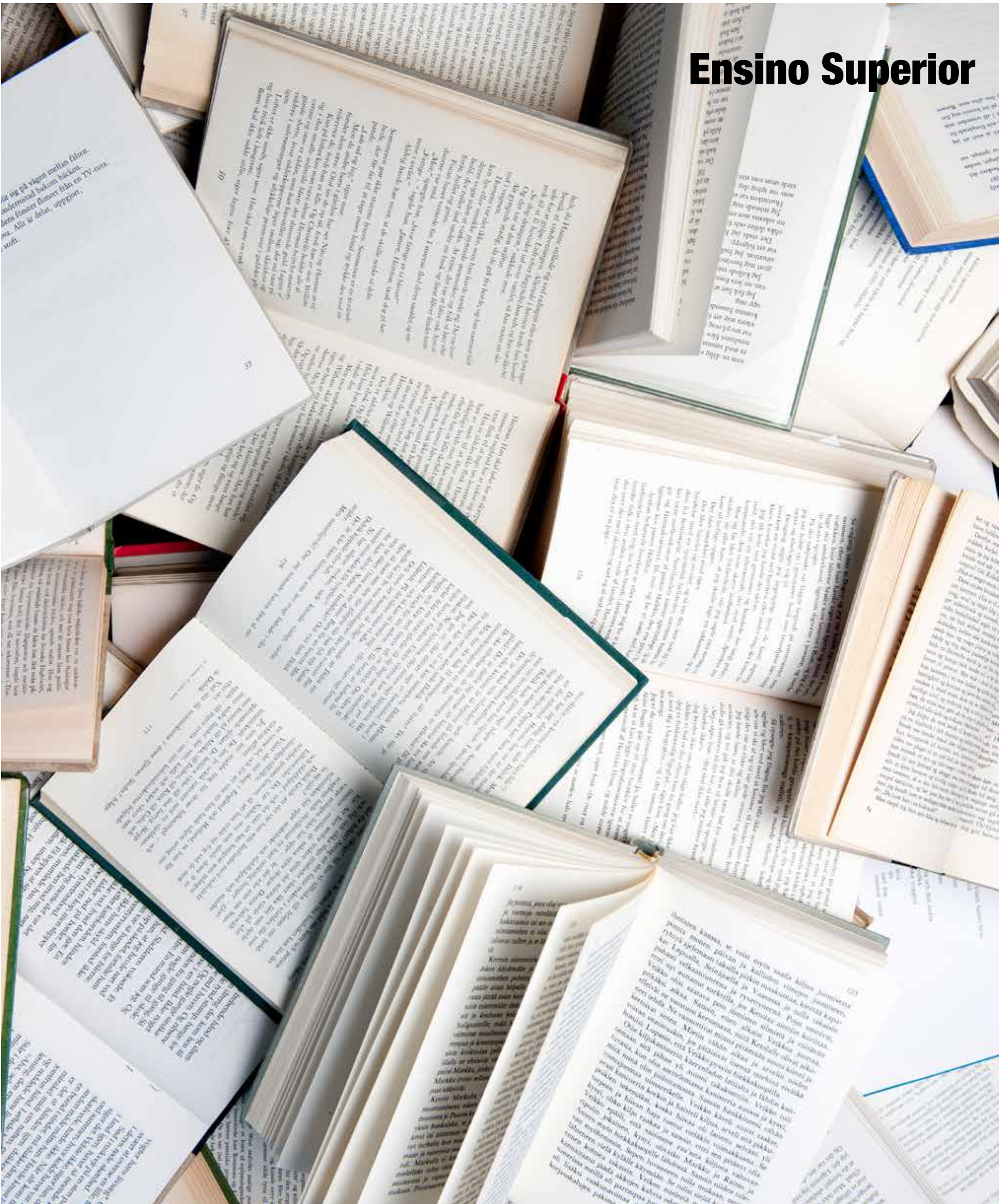
“A escola tem o dever de preparar pessoas de plena cidadania”, sublinha Pedro Sousa. Estamos, então, perante um crescimento completo, potenciando uma escola onde “aprender é muito mais do que ter boas notas”, como destaca Duarte Paiva. Para o diretor do Colégio, “todos os estímulos são importantes”, principalmente entre alunos do 5º ao 9º ano, quando se começa a desenvolver a consciência crítica.

O diretor do Colégio, Duarte Paiva, considera que “a escola tem o dever de preparar pessoas de plena cidadania”.

Um desafio diário

Desenvolver uma geração de crianças de mente aberta, respeitadoras das desigualdades e preparadas para um mundo em constante mudança é o principal objetivo de tudo isto. Por isso mesmo, quando questionado sobre o futuro, Duarte Paiva revela-nos que estimular melhores hábitos de leitura e promover a capacidade de concentração dos alunos são dois objetivos centrais. Isso e, claro, continuar o desafio diário de procurar inovação no ensino e excelência no aluno. Por mais difícil que essa procura seja, Pedro Sousa entende que ser professor é isso mesmo, “olhar a escola aluno a aluno, perceber as suas necessidades e encontrar as respostas para que cada um possa ir o mais longe possível”.

Ensino Superior





MENSAGEM DA DIRETORA



A Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL) é uma instituição centenária com uma sólida tradição no ensino jurídico, bem como na produção e disseminação de saberes científicos na área do Direito.

A Faculdade de Direito tem como missão criar, transmitir e difundir conhecimento e cultura no domínio das ciências jurídicas e disciplinas conexas, orientando-se, na sua atuação, pelos princípios da qualidade do ensino, da inovação e do aprofundamento da investigação, do respeito pela liberdade intelectual e científica, da valorização pessoal e da boa governação.

Fundada em junho de 1913, a Faculdade instalou-se no campus da Cidade Universitária em 1958 e, desde então, tem vindo a ampliar e a modernizar as suas instalações.

Ao longo de mais de cem anos de existência formaram-se na FDUL vários insignes juristas que se destacaram pela participação pública enquanto titulares dos mais altos cargos políticos e enquanto figuras públicas com elevada responsabilidade social e participação cívica. Acresce a honra de terem sido formadas pela FDUL gerações de eminentes magistrados, advogados e outros juristas que abraçaram carreiras empresariais, na administração pública, e em múltiplas instituições e organizações internacionais.

A FDUL é a maior faculdade de Direito do país contando, na atualidade, com mais de 4500 alunos, e com um corpo docente de elevada qualidade e nível de formação. A Faculdade tem tradicionalmente uma ampla participação dos alunos na vida académica e nos órgãos de governo, contando com uma associação de alunos centenária e especialmente ativa, a AAFDL.

Destaca-se ainda como vetor caracterizador da FDUL a internacionalização, tanto no quadro da cooperação jurídica com o Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Goa, Macau e Timor, como no quadro de programas de mobilidade, sobretudo, no espaço da União Europeia mas, progressivamente, alargados a outros continentes. Testemunho desta vocação cosmopolita, é a presença na FDUL de um número de estudantes estrangeiros que ultrapassa as cinco centenas.

Cursar Direito na FDUL – em qualquer dos três ciclos de estudos ou em pós-graduações – é a garantia de uma formação de qualidade na maior e mais reputada Faculdade de Direito do país.

A Diretora
Professora Doutora Paula Vaz Freire

PORQUÊ A FDUL?

- Corpo docente jovem.
- Conjugação de ensino de qualidade com espírito académico.
- Elevada taxa de empregabilidade.

UM ENSINO DE REFERÊNCIA



TESTEMUNHOS



SIMÃO RIBEIRO PÓVOA

3º Ano Diurno

A Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa é muito mais que apenas uma faculdade. Quem possui a oportunidade de aqui estudar, não está apenas a aprender na academia que melhor prepara os seus alunos para o mundo jurídico, como está, igualmente, a viver uma experiência académica ampla e abrangente. A par das aulas, dentro destas quatro paredes é possível experienciar todo um universo de oportunidades, nomeadamente, a nível associativo – com a mítica AAFDL (Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa), mas, também, com todos os outros núcleos e projetos que nos permitem um maior contacto e uma maior preparação para o mundo que nos espera. E é isto que representa a FDUL: a possibilidade de vivermos e de nos formarmos na melhor Faculdade de Direito do país, tanto como juristas, como enquanto cidadãos, numa instituição aberta a todos, sem discriminação, e onde o limite do sucesso é o sonho de cada um de nós.



MARGARIDA BRANCO

3º ano Pós-Laboral

Estudar na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, nomeadamente no regime de pós laboral, é mais do que simplesmente aprender Direito. Nos últimos 3 anos adquiri valores e vivenciei experiências que só a melhor faculdade do país me poderia disponibilizar! Graças ao seu reconhecido rigor e excelência não tenho qualquer dúvida de que vou estar mais que preparada para o futuro!



FACULDADE DE DIREITO
UNIVERSIDADE DE LISBOA
UNIVERSITY OF LISBON FACULTY OF LAW

mais informações: www.fd.ulisboa.pt

DEGEIT traça renovado paradigma da educação

ABRAÇANDO UM PLANO ESTRATÉGICO ARROJADO, APOIADO NUMA VISÃO ATUALIZADA DO PAPEL DO ENSINO E DA INVESTIGAÇÃO NA DINÂMICA ECONÓMICA E SOCIAL À ESCALA GLOBAL, O DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, GESTÃO, ENGENHARIA INDUSTRIAL E TURISMO (DEGEIT) DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO APRESENTA UM CRESCIMENTO EXPONENCIAL, QUE SE MANIFESTA NO IMPACTO DA “MARCA” EM VÁRIAS FRENTES.

O Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo (DEGEIT) da Universidade de Aveiro tem revelado nos anos recentes um crescimento suportado por “indicadores excecionais”, que abrangem tanto o número de alunos como os índices de investigação e internacionalização. Pontos estratégicos desta mudança prendem-se com questões relacionadas com o ensino, a investigação, a disseminação de conhecimento e a modernização das infraestruturas.

Desde 2014 na direção do DEGEIT, Carlos Costa fala das mudanças que ocorreram neste período. Olhando em retrospectiva, recorda que (há seis anos) “o DEGEIT era um departamento grande, mas ainda não era um grande departamento”. O elevado número de alunos e a diversidade de cursos não revelavam a qualidade necessária para permitir à instituição subir a sua posição nos rankings e na média de entrada nos cursos. A grande revolução que se começou a operar teve início exatamente neste último ponto: o



aumento da média de entrada nas licenciaturas. Tanto que, no presente ano, os cursos do DEGEIT “estão entre aqueles que têm as médias mais elevadas de toda a universidade”.

Ao nível do 2º ciclo de estudos (mestrado), ao contrário do que ocorria no passado, a procura excede a oferta, sendo que “para cada vaga surgem, em média, cinco candidatos”.

Os doutoramentos, pouco expressivos no departamento, passaram a contar com

seis programas doutorais – “falamos de 220 alunos de doutoramento matriculados que trazem uma verba adicional à universidade, superior a meio milhão de euros, quando no passado era muito mais reduzido”, realça Carlos Costa.

No campo da investigação, concebida dentro de portas, foi reforçado o número de comunicações científicas, nomeadamente o número de publicações presentes em ‘journals’ com impacto internacional. Também a revista ‘Turismo e Desenvolvimento’, produzida no departamento entrou na SciVerse Scopus, um dos maiores bancos de dados de resumos e citações de artigos publicados em jornais/revistas académicos.

Todo o saber conquistado foi alvo do reforço da disseminação de conhecimento, que se consubstancia na forte aposta do departamento na organização de conferências de impacto mundial e na profícua interação com o tecido empresarial – “queremos receber as melhores empresas com o intuito de melhorar o ensino e a investigação. Provocar um efeito de contágio positivo. O paradigma que estamos a

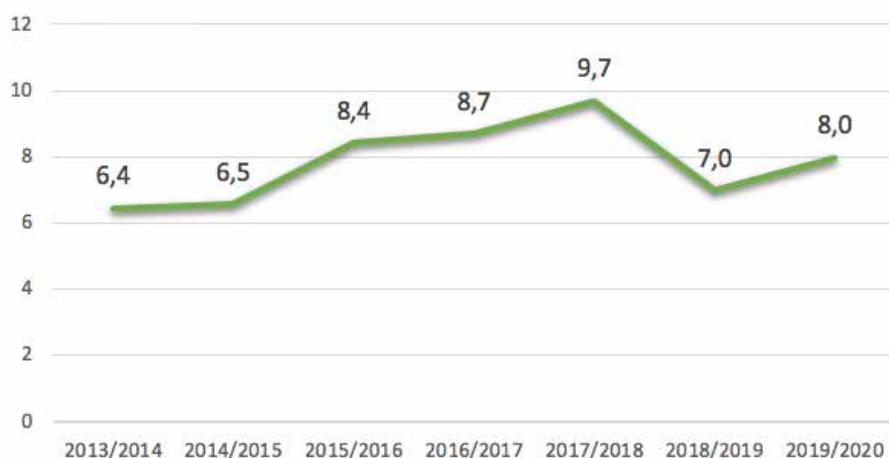
10º ANIVERSÁRIO INVTUR

Nos dias 5 a 7 de maio de 2021 terá lugar o 10º aniversário da InvTur – Investigação e Turismo (5ª edição) que vai acolher palestrantes oriundos dos quatro cantos do mundo. Sob o tema ‘Turismo e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Da teoria à prática’, esta conferência tem como objetivo “apresentar investigação de elevada relevância que contribua para o debate e aponte novas abordagens e paradigmas emergentes sobre como o turismo pode efetivamente alcançar o desenvolvimento sustentável. Pretende, igualmente, partilhar e aplicar o conhecimento científico à prática que afeta a transformação dos destinos. O Business Innovation Tank (BIT), realizado numa tenda instalada no local da conferência, apresentará empresas e organizações com práticas e experiências de turismo inovadoras e sustentáveis. Paralelamente à conferência, serão realizadas discussões envolvendo académicos e representantes do setor empresarial e organizações públicas. Os participantes terão a oportunidade de fortalecer parcerias ou estabelecer novos contactos com investigadores, profissionais do setor e entidades governamentais, através do diálogo e da partilha de conhecimento para uma melhoria do setor do turismo e da sociedade em geral”. Carlos Costa reforça: “Tornámo-nos uma das maiores conferências mundiais, com mais de 40 países presentes, mais de 600 pessoas, mais de 500 papers submetidos, ou seja, conquistamos um impacto em termos mundiais excepcional, digo-o com assumido orgulho institucional”.

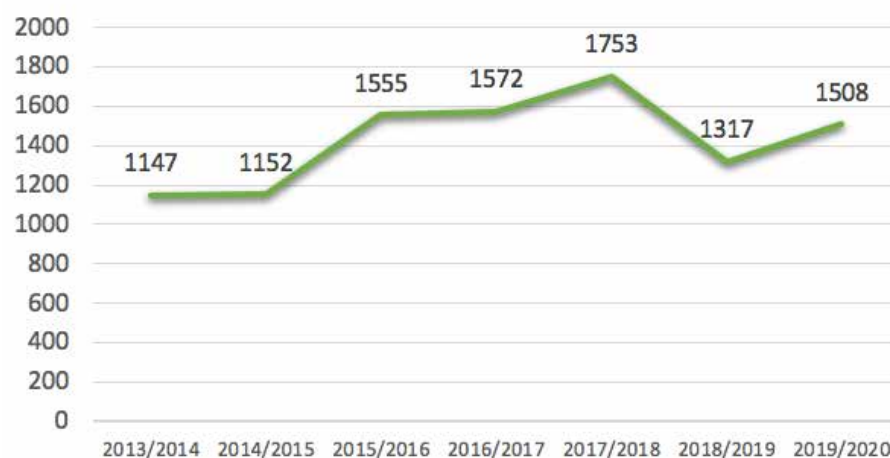
Durante este evento o DEGEIT propõe-se a seguir os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que devem ser implementados por todos os países do mundo, até 2030.

“Queremos receber as melhores empresas com o intuito de melhorar o ensino e a investigação. Provocar um efeito de contágio positivo. O paradigma que estamos a iniciar passa por trazer as empresas para ensinar e estar em contacto com os nossos alunos.”

Rácio candidaturas/vagas



Nº de candidatos ao DEGEIT



iniciar passa por trazer as empresas para ensinar e estar em contacto com os nossos alunos”.

Outro dos eixos centrais de atuação do DEGEIT assenta na modernização das infraestruturas. Carlos Costa recorda que o edifício que acolhe o departamento – que completou 30 anos em 2018 – nunca havia sido alvo de obras de manutenção. “Há seis anos, quando cheguei à direção, chovia dentro do departamento, nas escadas, nas salas dos computadores... A degradação do edifício era reflexo de uma postura que imperava de falta de zelo pelo espaço. Têm sido feitas diversas obras de vulto na cobertura, fachadas e na remodelação de salas. Hoje é com orgulho que vejo uma equipa altamente motivada. É preciso mu-



dar as consciências, é preciso que as pessoas sintam que esta é a casa delas e que saibam cuidar dela”, reforça.

Esta mutação da perspetiva sob o espaço físico foi acompanhada da renovação de salas de aula, auditório, secretaria, criação de novos ambientes de estudo e investigação. Uma alteração de paradigma que é entendido pelo nosso interlocutor como “um dos caminhos para o setor público no futuro” – “as pessoas devem assumir os departamentos como as suas casas e as empresas devem assumir que os seus centros de

“É preciso fomentar o ensino, a investigação, a internacionalização, e a dimensão física. Obviamente que estamos à procura de novas abordagens com a integração de novos paradigmas de relacionamento com as empresas e com as organizações.”

investigação podem estar dentro das universidades e que os seus alunos podem ser preparados desde o início para eles, com formações adequadas. Acho que esse tem que ser o paradigma assumido e nós estamos a caminhar nesse sentido”.

Indissociável deste trilho de expansão e melhoria está a internacionalização, vetor que Carlos Costa abraça com muito orgulho. “Em 2019, tivemos programas doutorais em que 70% dos alunos eram estrangeiros. Estamos a crescer em variadíssimas frentes – no mercado brasileiro, na Europa e cada vez mais na Ásia em países como a China, Indonésia e Filipinas”, salienta. Este intercâmbio é reflexo do esforço de comunicação e captação de alunos que se faz, pessoalmente, visitando os países e dando a conhecer Portugal, Aveiro, a UA e o DEGEIT a todos os parceiros – “fazemos concursos a nível mundial e entram os melhores”. Os atuais bolsheiros do grupo de trabalho integram pessoas oriundas de destinos como Brasil, Sérvia, Filipinas e Irão.

Os próximos passos do DEGEIT assentam no reforço de todos os vetores já assinalados – “temos que

PROJETO PARA A SUSTENTABILIDADE

Sabendo que pequenos gestos impulsionam grandes mudanças, o DEGEIT assume a intenção de diminuir exponencialmente o uso de plástico no departamento, recorrendo a copos e garrafas de vidro reutilizáveis.



manter o rumo e não o abandonar durante, quase que diria, uma década. É preciso fomentar o ensino, a investigação, a internacionalização, e a dimensão física. Obviamente que estamos à procura de novas abordagens com a integração de novos paradigmas de relacionamento com as empresas e com as organizações”.



degeit
universidade de aveiro
departamento de economia, gestão,
engenharia industrial e turismo

28 anos a promover a investigação, o ensino e o alto desempenho

O DIRETOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (FCDEFUC), JOSÉ PEDRO FERREIRA, APRESENTA OS GRANDES PILARES ESTRATÉGICOS DE UMA INSTITUIÇÃO QUE TEM VINDO A CONSOLIDAR-SE INTERNACIONALMENTE, À MEDIDA QUE CONTRIBUI – COM O CONHECIMENTO DOS SEUS INVESTIGADORES – PARA POTENCIAR O SUCESSO DOS ATLETAS NACIONAIS.

Falar da Universidade de Coimbra (UC) é fazer alusão a uma nobre entidade que celebrou, a 1 de março, 730 anos de história e de pioneirismo no panorama do ensino superior português. Estávamos, por outro lado, a 19 de fevereiro quando uma das suas unidades orgânicas – a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) – celebrava o seu vigésimo oitavo aniversário. Ainda que de naturezas distintas, ambas as efemérides são observadas por José Pedro Ferreira como “marcos importantes” para o desenvolvimento de uma reflexão sobre o compromisso que estas instituições têm vindo a desenvolver, no sentido de atender aos princípios definidos nos seus planos estratégicos.

Falando mais concretamente sobre a realidade subjacente à Faculdade que dirige, o nosso interlocutor descreve-nos “um trabalho difícil, mas também proveitoso”, cujos reflexos se evidenciam no reforço que a FCDEFUC tem demonstrado, ano após ano, na consolidação de todo um conjunto de importantes dimensões associadas ao ensino superior de excelência. Nesse sentido, é em concomitância com o arranque de um novo ciclo reitoral que José Pedro Ferreira partilha as grandes orientações estratégicas em torno de cinco grandes pilares: a investigação científica, a oferta formativa, a valorização das pessoas, a ligação à comunidade e a internacionalização.

Investigação científica

Se dúvidas existissem em torno do papel que a produção científica assume na FCDEFUC, bastaria que se sublinhasse o crescente estatuto que o Centro de Investigação do Desporto e da Atividade Física (CIDAF) tem vindo a merecer, não apenas no que ao acesso a fontes de financiamento ou às publicações com elevado fator de impacto diz respeito, mas também no que concerne à “capacidade de atrair estudantes de doutoramento”, nomeadamente aqueles que são oriundos do panorama internacional.

A comprová-lo, importa lembrar que “o centro tem proporcionado, aos estudantes de doutoramento, um interessante conjunto de linhas de investigação”, através das quais vão desenvolvendo trabalhos que, em alguns casos, se encontram “integrados em projetos de investigação internacionais”, fruto de parcerias estratégicas dinamizadas ao longo do tempo. Escusado será dizer que tais elos de ligação em muito têm contribuído para cimentar o prestígio e a intensidade da publicação científica desenvolvida na Faculdade. “Em 2019, chegámos a um rácio anual de 5.7 artigos por investigador, o que representa um valor bastante interessante”, argumenta José Pedro Ferreira.

Longe, todavia, de se contentar com a qualidade destes resultados, tem sido apanágio da direção da FCDEFUC “procurar reduzir o número de horas letivas dos professores e investigadores, de modo a assegurar mais tempo para a investigação e para a publicação científica”. Por outro lado – e em consonância com o investimento da reitoria no valor da “marca UC” (sendo esta a Universidade nacional com maior número de patentes registadas, bem como aquela que mais verbas captou no âmbito do Horizonte 2020) – também a Faculdade assume um papel relevante no financiamento de publica-

ções que, pelo seu fator de impacto, “possam constituir uma mais-valia direta” para a instituição.

Oferta Formativa

Atendendo à natureza da sua missão, não deverá constituir surpresa que a contínua aposta nas características e qualidade da oferta formativa se apresente como outra das linhas-mestras designadas pela mesa diretiva da FCDEFUC. Um dos propósitos assumidos pela Faculdade prende-se com a necessidade de “revisão da oferta pós-graduada”, a fim de que seja possível “dar resposta àquilo que se identificou como as necessidades mais prementes do mercado, ao longo dos próximos dez anos”, sustenta José Pedro Ferreira. Paralelamente à concretização dessa mesma proposta, existe um compromisso assumido com o reforço da “qualidade pedagógica” e do “nível de exigência da formação interna”, a qual terá de se adaptar, continuamente, ao advento de novos desafios.

A título exemplificativo, serão organizadas “ações de formação especializada, no sentido de conferir, aos docentes, competências para a utilização de estratégias tecnológicas de ensino”, tais como “a inteligência artificial a partir da utilização de determinadas plataformas que hoje estão disponíveis”, as quais podem ser canalizadas para “mudar a forma como se ensina”. Afinal, “os estudantes de hoje são diferentes daqueles que existiam há ou quinze anos e cada vez mais nos apercebemos de que a comunicação nos moldes tradicionais começa a ser extremamente desmotivadora para alunos que pertencem a uma geração diferente”. Posto isto, e “enquanto Faculdade, temos de nos adaptar a essa nova realidade”, revela o diretor da FCDEF.

Claro está que um fator puro e simplesmente indispensável ao bom funcionamento de qualquer instituição passa pela preocupação quer com “aspeto motivacional das pessoas”, quer com a importância de se reconhecer o desempenho das suas funções, atendendo aos seus anseios e solicitações. José Pedro Ferreira é, neste contexto, perentório a “enaltecer o papel e as iniciativas tomadas pelo senhor reitor da Universidade de Coimbra, no sentido de dar uma resposta atenta às necessidades” do universo de colaboradores que compõe a instituição. Representativa dessa sensibilidade tem sido, por exemplo, “a abertura de concursos mais abertos para a renovação do corpo docente”.

Valorizar as pessoas

Claro está que um fator puro e simplesmente indispensável ao bom funcionamento de qualquer instituição passa pela preocupação quer com “aspeto motivacional das pessoas”, quer com a importância de se reconhecer o desempenho das suas funções, atendendo aos seus anseios e solicitações. José Pedro Ferreira é, neste contexto, perentório a “enaltecer o papel e as iniciativas tomadas pelo senhor reitor da Universidade de Coimbra, no sentido de dar uma resposta atenta às necessidades” do universo de colaboradores que compõe a instituição. Representativa dessa sensibilidade tem sido, por exemplo, “a abertura de concursos mais abertos para a renovação do corpo docente”.



Importa ressaltar, no entanto, o igual empenho com que também os elementos não-docentes têm sido valorizados pelas unidades orgânicas da UC. “Podemos dizer que, ao longo dos últimos onze meses, todos os trabalhadores já frequentaram pelo menos uma ação de formação”, constata o diretor da FCDEF, significando isto que o atual ciclo reitoral logrou “reativar, num curto espaço de tempo, um conjunto de mecanismos de formação interna e externa para a valorização” destes mesmos colaboradores. Já outro aspeto digno de destaque é a especial atenção atribuída ao reposicionamento das suas carreiras (que já terá englobado cerca de 65 funcionários da Universidade).



Ligação à sociedade

À margem de dimensões como a formação ou a investigação científica, é com toda a naturalidade que a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física assume os seus compromissos de “transferência de conhecimentos” e de “abertura à sociedade”. Da celebração de parcerias à prestação de serviços especializados, são diversas as frentes de intervenção da instituição. Merecedor de especial referência é “o acompanhamento que tem sido feito a algumas seleções nacionais”, nomeadamente em modalidades como a Canoagem, cujo “processo de avaliação e controlo do treino” é reconhecido como “um contributo importante para o sucesso dos atletas ao longo dos últimos anos”.

De resto, e numa conjuntura de preparação para os Jogos Olímpicos de 2020 (que decorrerão em Tóquio), é com especial afinco que docentes e investigadores da FCDEFUC têm reforçado o acompanhamento técnico dinamizado junto dos atletas que representarão Portugal nas diversas frentes desportivas. Se existe, no entanto, um caso particularmente elucidativo do contributo que o saber científico pode exercer para o sucesso do atletismo de alta competição, tal corresponderá à medalha de prata alcançada (nos 50 km de marcha), no ano passado, por João Vieira, em pleno Campeonato Mundial de Atletismo em Doha (Qatar). Decisivo para tão notável resultado terá sido o “trabalho inovador” desenvolvido no âmbito da “aclimação em situações de esforço físico” num contexto de “situações climatéricas extremas”, esclarece o diretor.

Escusado será constatar que a consolidação deste tipo de parcerias se repercute “numa mais-valia não só em termos de investigação e de conhecimento, mas também a nível da respeitabilidade e imagem associada à Universidade de Coimbra e à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física”.



Internacionalização

Uma última dimensão a que José Pedro Ferreira faz especial alusão é ao paradigma da internacionalização – a qual se tem constituído enquanto “ pilar fundamental” para a UC. Reflexo disso é o “número bastante significativo de estudantes internacionais” que hoje a Faculdade acolhe, consolidando a sua “atratividade”, especialmente no âmbito da oferta pós-graduada. Mas às “muitas dezenas de estudantes de origem diferenciada” que atualmente frequentam os cursos de mestrado ou o doutoramento da FCDEFUC, importa acrescentar os cinco candidatos internacionais que deverão ingressar, no próximo ano letivo, na licenciatura em Ciências do Desporto.

Com efeito, o crescente interesse além-fronteiras pela instituição explica-se, no entender do nosso interlocutor, na sequência de “uma estratégia e esforço que têm sido levados a cabo pela Faculdade” e que têm justificado a sua proatividade, seja “na visita a universidades congéneres” um pouco por todo o mundo, tendo em vista a promoção da sua oferta formativa, seja mediante “presenças assíduas em feiras internacionais” para o mesmo propósito. “Este é um caminho longo e altamente competitivo”, lembra o diretor da FCDEFUC, não obstante os argumentos diferenciadores que a instituição encerra.

“Ao contrário do que muitas vezes se pensa, a formação de ensino superior em Portugal é, em geral, de excelente qualidade”, o que se pode facilmente comprovar pelo posicionamento nos rankings mundiais. De resto, é também observado que os estudantes nacionais de 1º, 2º ou 3º ciclos que procurem complementar a sua formação no estrangeiro “vão muito bem preparados”, acabando por “se destacar, em termos das suas qualidades, nos grupos onde estão inseridos”. Na base desse sucesso está a excelência de uma formação “potenciadora” e dotada de “uma abrangência muito mais sólida” do que se verifica noutros territórios, o que confere aos seus discentes outra capacidade analítica na resolução dos mais diversos problemas ou desafios da investigação. Tudo isto, claro, “marca a diferença”.



FACULDADE DE
CIÊNCIAS DO DESPORTO
E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

A FPCEUC é uma Faculdade sempre em Renovação

A FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (FPCEUC) BEBE DA CULTURA E DO PRESTÍGIO DE UMA INSTITUIÇÃO QUE ESTÁ A COMEMORAR 730 ANOS DE EXISTÊNCIA E TEM SABIDO DIGNIFICAR O ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL. UM PASSADO HISTÓRICO QUE, NAS PALAVRAS DE ANTÓNIO GOMES FERREIRA, DIRETOR DA FPCEUC, “PERMITE QUE A INSTITUIÇÃO SE SINTA NUM PERCURSO DE PERENIDADE DEVIDO À ELEVADA CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO, RENOVACÃO E INOVAÇÃO”.

Apesar de recente, quando comparada com o percurso histórico da Universidade de Coimbra, a FPCEUC atravessa um período de celebração com a comemoração de algumas datas que permitem vislumbrar percursos que “conduziram à consolidação daquela que é hoje uma das principais instituições nas áreas da psicologia e das Ciências da Educação em Portugal”. Falamos de comemorar os 60 anos da Revista Portuguesa de Pedagogia, a mais antiga das revistas científicas que atualmente se publicam no âmbito da Educação em Portugal; os 40 anos da instituição sob a atual designação de Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação; e os 30 anos da licenciatura em Ciências da Educação. “Ora, quando se celebra um aniversário são sempre tempos de balanço e nós estamos constantemente a acompanhar a evolução do ensino e da investigação na Faculdade. Não ficamos apenas a saborear os louros daquilo que já obtivemos”, sublinha António Gomes Ferreira.

Vivendo “um excelente momento” no domínio da Psicologia, a FPCEUC oferece uma graduação e pós-graduação consolidada que abrange áreas de especialidade marcantes no panorama nacional e internacional. No entanto, atenta às mudanças estruturais da sociedade e do ensino, a FPCEUC não só tem vindo a reestruturar a sua oferta educativa, como aconteceu com a área do Serviço Social, até ao fim de 2019, como enfrenta um processo de forte modernização que envolve uma ampla reestruturação da licenciatura de Psicologia que vai torná-la “mais versátil, flexível e preparada para as mudanças rápidas que a sociedade está a exigir”. Deste ponto de vista, António Gomes Ferreira revela que este 1.º ciclo de estudos, “sem perder a identidade e a solidez que tem, vai tornar-se mais dinâmico e atraente, integrando mais disciplinas de opção e reconhecer competências que os estudantes vão manifestando, tanto na investigação como na intervenção”. Esta modernização estende-se também ao 2.º ciclo com a criação de novos mestrados que abrangem diferentes áreas da Psicologia, como a Psicologia da Educação e do Aconselhamento, a Psicologia Cognitivo-comportamental, a Neuropsicologia, Avaliação e Reabilitação, a Psicologia das Organizações e do Trabalho, a Psicologia Clínica Sistémica e a Psicologia Forense.

A Faculdade sente um caminhar seguro no campo da Psicologia. A par do reconhecimento da qualidade do ensino ministrado, a investigação produzida no seio do Centro de Investi-

gação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) foi recentemente avaliada com ‘Excelente’ pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Uma classificação que permite alimentar a ambição de vencer projetos de investigação de grande monta, aumentar a oferta de bolsas de estudo, assim como o número de investigadores nacionais e internacionais.

Importante alavanca deste ensejo foi a conquista do primeiro projeto português de investigação na área da Psicologia, em Portugal, que alcançou um financiamento próximo dos 2M€, concedido pelo European Research Council. Em causa está o projeto “ContentMAP”, que procura estudar a forma como a informação é mapeada no cérebro humano, e de que

forma é que esta organização permite a identificação rápida e eficaz de qualquer género de objeto ou ferramenta de uso quotidiano. “Esta atribuição mostra que a faculdade é uma instituição consolidada, que granjeou grande visibilidade e consistência, sendo hoje uma referência nacional. Esta é uma área que, nos próximos anos, dará que falar, tanto do ponto de vista da qualidade da investigação, publicada nas mais reputadas publicações científicas, como também vai permitir sustentar a abertura, a breve prazo, de dois mestrados”, avança António Gomes Ferreira.

Elemento essencial na sua condição de instituição pública de ensino, a FPCEUC, pela figura de António Gomes Ferreira, entende ser “cada vez mais importante que o saber produzido seja capaz de melhorar as condições de vida das pessoas e o bem-estar geral das comunidades”. Mas, como sublinha o diretor da Faculdade, “uma universidade como a de Coimbra, evidentemente, não pode ficar limitada a comunidades de proximidade. Digo que esta proximidade se pode estender a espaços bastante vastos. Temos que

nos preocupar com os outros e não só em alimentarmo-nos e, desse ponto de vista, a faculdade tem sempre a preocupação de, com o seu saber, beneficiar as pessoas que se relacionam consigo (instituições, autarquias, IPSS’s, pessoas singulares...), através dos serviços de consultas, consultoria, inserção em projetos comunitários, etc. Desse ponto de vista não queremos preocuparmo-nos com a investigação pela investigação, que hoje é muito relevante inclusivamente até pela própria sustentabilidade financeira da instituição e prestígio internacional, mas queremos que esse saber seja passível de ser aplicado nas nossas escolas, nas comunidades mais seniores, na relação com os tribunais, com as famílias, no fundo com a sociedade em geral. Nós sentimos que temos de ser uma faculdade humanista, uma instituição que está sempre preocupada com a dignificação do ser humano”.



EVENTO MULTIDISCIPLINAR

Este é um evento cuja dimensão e importância tem crescido anualmente, impulsionando e fortalecendo parcerias entre o meio académico, centros de transferência de tecnologia e indústria. Por isso mesmo, a SPE trará a este congresso cerca de cem participantes, incluindo reputados especialistas que, tanto no panorama nacional como internacional, se têm destacado pelo contributo para “um futuro inovador e sustentável”, como destaca a Sociedade.

Entre conferências e apresentações, este painel de congressistas e oradores divulgará os últimos trabalhos realizados em áreas fundamentais e aplicadas da Eletroquímica, bem como em áreas relacionadas, como materiais, energia, ambiente e saúde.

www.spe2020.ubi.pt

O XXIV ENCONTRO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ELECTROQUÍMICA (SPE) TERÁ LUGAR ENTRE OS DIAS 7 E 9 DE MAIO DE 2020, EM TOMAR. JUNTANDO INVESTIGADORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS, ESTE EVENTO É UM FÓRUM DE PARTILHA DE CONHECIMENTO EM TORNO DESTA ÁREA FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

Incentivar, promover e divulgar: eis os objetivos da reunião que terá lugar no Instituto Politécnico de Tomar, promovida pela SPE.

No cumprimento da sua missão de dinamizar a investigação científica e promover o estudo e o ensino da Eletroquímica, bem como as suas aplicações e relações com outras ciências, a sociedade sediada no Departamento de Química da Universidade de Coimbra levará à histórica cidade dos Templários os últimos avanços, desenvolvimentos e perspectivas em torno desta área científica.

PROGRAMA

Dos temas em análise destaca-se: Bioeletroquímica, Eletroquímica Ambiental, Conversão e Armazenamento de Energia Eletroquímica, Eletroquímica nas Ciências e Tecnologias Biomédicas, Eletroquímica Molecular, entre outros. Em comum, todos os tópicos de discussão partilham o objetivo de mostrar o elevado impacto desta área científica no desenvolvimento do mundo.



Eletroquímica: um futuro inovador e sustentável

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ELETROQUÍMICA

Fundada em 1983, esta associação sem fins lucrativos visa incentivar a investigação e o ensino da Eletroquímica, contribuindo ainda para o seu estudo fundamental e aplicado.

A SPE concretiza a sua missão com base em reuniões científicas, apresentação de cursos, seminários e sessões de divulgação, além da edição de livros e outras publicações.

Como tal, qualquer ação dos seus cerca de 100 associados prima pelo diálogo entre o tecido empresarial, profissional e universidades. Esta é uma entidade de portas abertas ao mundo e, por isso, a sua área de influência estende-se a várias latitudes, onde é uma voz relevante em diversas organizações internacionais.



SPE 2020
XXIV Meeting of the
Portuguese Electrochemical Society

7-9 May 2020
Tomar





O estudo das Geociências, Geoengenharias e Geotecnologias na Universidade de Aveiro

EM VISITA À UNIVERSIDADE DE AVEIRO, O PERSPETIVAS ESTEVE EM DIÁLOGO COM FERNANDO ROCHA, COORDENADOR DO GEOBIOTEC. FALAMOS DE UM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO QUE DESENVOLVE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES NAS ÁREAS DE GEOFÍSICA, GEOQUÍMICA, BIOLOGIA, PEDOLOGIA, PETROLOGIA, MINERALOGIA, MINERAIS INDUSTRIAIS, GEOMATERIAIS, GEOTECNIA, GEOLOGIA ISOTÓPICA, HIDROGEOLOGIA, GEOLOGIA ESTRUTURAL, VULCANOLOGIA E DETECÇÃO REMOTA.

O GeoBioTec, como o próprio nome indica, combina, desde a sua formação, as áreas de Geociências e Biologia, integrando grupos multi e interdisciplinares de um modo altamente valorizado na recente avaliação realizada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Nos últimos cinco anos, essa combinação foi fortalecida com a incorporação da Agrossilvicultura, que permitiu novas colaborações com equipas de Estatística, Geoquímica, Geologia Médica e Geomateriais.

Analisando a recente avaliação que reviu positivamente a classificação do centro, Fernando Rocha entende que esta “traduziu os resultados dos esforços realizados no período em análise, designadamente um Programa de Resstruturação que foi desenhado e executado na sequência da avaliação anterior, que havia sido menos positiva, e permitirá, com o financiamento concedido, ambicionar novo salto qualitativo na próxima avaliação”.

Atualmente, o GeoBioTec compreende cinco grupos de investigação: Evolução Litosférica; Sistemas Ambientais Complexos; Georrecursos, Geotecnia e Geomateriais; Análise de Bacias e Paleontologia; e Agrossilvicultura.

A entidade gestora do Centro é a Universidade de Aveiro, possuindo duas outras instituições: a NOVA.ID.FCT - Associação para a Inovação e Desenvolvimento da FCT (NOVA.ID.FCT/FCTUNL/UNL) e a Universidade da Beira Interior (UBI). A sua equipa é composta por 98 investigadores doutorados integrados, que pertencem a várias instituições públicas e privadas de investigação e desenvolvimento (I&D) localizadas de norte a sul do país.



“O GeoBioTec compreende cinco grupos de investigação: Evolução Litosférica; Sistemas Ambientais Complexos; Georrecursos, Geotecnia e Geomateriais; Análise de Bacias e Paleontologia; e Agrossilvicultura.”



Esta massa crítica de investigadores integrados destaca-se pela capacidade de desempenho e pelo nível de conquistas internacionalmente competitivo. Isso já acontece em grande medida, conforme documentado pelos níveis de atividade de investigação e publicação, numa ampla categoria de subdisciplinas dentro da área das geociências. Proporções altamente variáveis de investigação fundamental e aplicada dos membros do consórcio, levam a um grande espectro de contribuições individuais para as atividades do GeoBioTec e para a captação de recursos.

As publicações profissionais e os contratos do Centro abrangem um vasto número de tópicos, incluindo a participação em atividades nacionais e internacionais no setor de mineração e em vários projetos de investigação colaborativos e internacionais em setores académicos, públicos e privados.

Estratégia de futuro

Abordando as estratégias de futuro, Fernando Rocha salienta que as áreas de Georrecursos e Geoambiente serão “os focos estratégicos, colaborando com alguns dos mais importantes projetos mineiros nacionais e aproveitando as nossas capacidades e recursos. Estaremos totalmente comprometidos com as novas tendências da investigação e exploração de matérias-primas: exploração sustentável; reexploração; reutiliza-

ção; reciclagem; com ênfase no desenvolvimento de novos materiais e/ou novas aplicações para materiais tradicionais; também nos campos da: geologia médica (bio e geo disponibilidade, mineralogia e geoquímica de poeiras, minerais em saúde e bem estar, águas residuais), geologia de isótopos radiogénicos (assinatura isotópica/estudos de procedência); novos georrecursos e geomateriais (geopolímeros, recursos marinhos, matérias-primas secundárias), ciências do solo (otimização da produção de alimentos por incremento da reserva mineral), geofísica e geoquímica ambientais (avaliação de risco, mudanças climáticas) e geoturismo e geopatrimónio”.



nómico, permitindo desvendar a evolução da vida, mudanças climáticas e mudanças globais.

- iii) Investigação nos setores agroflorestais sobre biofortificação de alimentos na fase de planta: trigo em Fe e Zn, arroz em Se, tomate em Mg, Fe e Zn, batata em Ca e uvas em Zn; Controlo biológico em frutas de pomares; Fitorremediação, por exemplo, Eucalyptus spp (crescendo em meios contaminados por metais pesados); Interação de mudanças climáticas (temperatura e CO₂) em plantas.
- iv) Na Geologia Marinha, serão desenvolvidos estudos sedimentológicos, geoquímicos, mineralógicos e micropaleontológicos para caracterizar os depósitos e para avaliar a paleocirculação, a produtividade e a poluição.
- v) Entre outras atividades de investigação, encontra-se a avaliação de riscos ambientais, reabilitação do património edificado; construção em terra e argamassas tradicionais; estudos petrográficos, estruturais e metalogénicos no Varisco Ibérico; magmatismo, metamorfismo e evolução geodinâmica das províncias crustais no Brasil e Irão; mineralogia e geoquímica de amostras de Marte e seus análogos.

Em síntese, o nosso interlocutor traça o futuro do GeoBioTec: “O foco estratégico do GeoBioTec continuará a centrar-se na combinação da investigação aplicada e da investigação fundamental. O plano para impulsionar a atividade de divulgação/publicação e a colaboração interna, no seio do consórcio, é muito bem-vindo e várias atividades estão planeadas para envolver diferentes grupos em propostas de investigação, coordenação de estudantes de doutoramento e contratos com a indústria. As atividades profissionais externas já planeadas incluem a colaboração contínua com os mais importantes projetos nacionais de mineração, com planos para fortalecer a cooperação com a indústria e envolver parceiros internacionais na formação de estudantes de doutoramento”.

- i) A investigação irá cobrir o ciclo de vida das principais matérias-primas: prospeção geológica (local/regional); caracterização mineral e química; prospeção mineira; estudo de impactos ambientais; exploração de depósitos minerais; tratamento e beneficiamento, processamento; tratamento e reciclagem de resíduos minerais; desmantelamento, encerramento e abandono; tecnologias geoambientais; e estudos de suporte, como geodinâmica, análise de bacia, mecânica de rochas, geofísica, geoquímica e geoestatística.
- ii) Investigação sobre bioacessibilidade, acumulação de PAHs em solos e poeiras, biomarcadores e fitomineração, biorremediação; geologia isotópica (sistemas Rb-Sr e Sm-Nd) para: geocronologia; geoquímica de processos ígneos; caracterização de processos de alteração e metassomáticos; estudos de proveniência: sedimentos, poeiras, bebidas, alimentos, vestígios arqueológicos, etc. Investigação básica e aplicada será desenvolvida em bacias meso-cenozóicas, com potencial eco-





GASTROCLINIC

ESPECIALIDADES CLÍNICAS

TRATAMENTOS DE OBESIDADE
GASTROENTEROLOGIA
NUTRIÇÃO

TRATAMENTOS DE OBESIDADE



BALÃO INTRAGÁSTRICO AJUSTÁVEL



SLEEVE ENDOSCÓPICO



TERAPIA MEDICAMENTOSA



BALÃO INTRAGÁSTRICO 6 MESES

Av. Luís Bivar 93D, 1050-143 Lisboa
Rua 16, 646, 4500-241 Espinho

Tlm.: 915131372 | E-mail: geralgastrclinic@gmail.com
www.gastroclinic.pt